



ACADEMIA MILITAR

PERCEÇÃO DOS JOVENS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS FORÇAS DE SEGURANÇA

Autor: Aspirante GNR INF Ligia Elena Domingues dos Santos

Orientador: Professora Doutora Susana Soares Branco Durão

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, agosto de 2012



ACADEMIA MILITAR

PERCEÇÃO DOS JOVENS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS FORÇAS DE SEGURANÇA

Autor: Aspirante GNR INF Ligia Elena Domingues dos Santos

Orientador: Professora Doutora Susana Soares Branco Durão

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, agosto de 2012

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, irmão, verdadeiros amigos e todos os que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram nesta longa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Com a elaboração deste trabalho apercebemo-nos, mais uma vez, de quem caminha ao nosso lado e quem, sem qualquer tipo de dúvida, nos presta o apoio e ajuda nos momentos que mais precisamos.

A elaboração deste trabalho foi assim possível graças à colaboração de várias pessoas sem as quais, chegar ao fim de mais esta etapa da minha vida, se teria tornado uma tarefa muito mais complexa.

A todas estas pessoas que para isto contribuíram, desejo manifestar a minha enorme gratidão e apreço por todo o apoio prestado, direta ou indiretamente.

Como tal, gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha orientadora Professora Doutora Susana Durão por todo o esforço que fez para me apoiar e ajudar na condução do trabalho.

Ao Sr. Tenente-Coronel Fernando Bessa pela ajuda dedicada na fase inicial deste trabalho e mais propriamente, na delimitação do tema e objeto de estudo deste trabalho.

Aos órgãos de direção da Escola Secundária de Cantanhede, na pessoa da Sra. Diretora Maria Manuela Fael, pela colaboração e disponibilidade demonstrada aquando da realização das entrevistas aos jovens na escola; e aos jovens entrevistados pelo espírito voluntarioso que demonstraram para colaborar com esta investigação.

Aos meus pais e irmão por todo o apoio e carinho incondicional demonstrado ao longo deste meu complexo processo de formação, facilitando-me e amparando-me, e muito, nesta importante caminhada.

Aos meus verdadeiros amigos pelo importante contributo que deram aquando da elaboração deste trabalho e também aos que sempre estiveram e estão ao meu lado e que nos momentos menos fáceis deste meu percurso se revelaram um importante “refúgio” para mim.

Ao meu grande amigo Fábio Wilson Lopes por todo o apoio, compreensão e todos os momentos vividos.

Aos meus camaradas de curso pelo apoio e ajuda prestada.

A todos vós, um sincero e eterno, **MUITO OBRIGADO!**

RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), subordinado ao tema “*Perceção dos jovens pré-universitários sobre as Forças de Segurança*”, visa analisar e compreender as perceções que um grupo de jovens do 12º ano do Ensino Secundário tem em relação às Forças de Segurança e ao trabalho realizado por estas.

No seguimento deste estudo científico, foram formuladas hipóteses e questões de investigação que tiveram como objetivo último dar resposta à questão central levantada: “Qual a perceção que os jovens pré-universitários têm sobre as Forças de Segurança?”.

Para a consecução dos objetivos supra referidos e elaboração da investigação propriamente dita foi efetuada uma exaustiva pesquisa bibliográfica e análise documental que teve como propósito dar a conhecer o envolvimento teórico que serve como base a este trabalho. Nesse sentido, foram aplicadas entrevistas a um grupo de jovens pertencentes à amostra alvo de estudo para subsequente análise e discussão dos resultados destas, tendo presente e em linha de conta o referido no enquadramento teórico.

Após esta análise de dados e resultados, conclui-se que os jovens alvo de estudo, encaram as Forças de Segurança com o devido respeito e estão consciencializados para a importante missão que estas desempenham na sociedade. Estes jovens revelaram ainda uma opinião e perceção bastante consciente e próxima da realidade em relação a estas forças e ao trabalho que desenvolvem, o que revela a existência de interesse por parte destes em conhecer e perceber as dinâmicas, métodos e procedimentos que existem no cerne destas instituições.

Palavras-chave: JOVENS, PERCEÇÃO, EXPECTATIVAS, FORÇAS DE SEGURANÇA.

ABSTRACT

This Applied Research Work, on the subject “*Perception of young pre-college students about Police Forces*”, aims to analyse and comprehend the views of a group of 12th Grade High School students on Security Forces and their functions.

During the process of this scientific study, several hypothesis and research questions were formulated in order to answer the main question: “What do young pre-college students know about Police Forces?”

To achieve the aforementioned objectives and elaborate the actual study, a thorough bibliographic and documentary research was made in order to make the theoretical involvement that serves as the foundation of this work known. With the same objective, several interviews with a sample of students from the targeted population were realised in order to gather information for further analysis and discussion based on the theoretical research.

With the analysis of the resulting data, it is conclusive that the target population, the group of 12th Grade High School students, view the Police Forces with due respect and are aware of the important role they play in society. Actually, their opinions and perceptions are quite conscious and close to reality, which reveals an interest in knowing and understanding the methods and procedures that are the core of these institutions.

Key-words: YOUNG STUDENTS, PERCEPTION, EXPECTATIONS, POLICE FORCES.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE GERAL	vi
ÍNDICE DE QUADROS	x
LISTA DE APENDICES E ANEXOS	xi
LISTA DE SIGLAS	xii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xiii
EPIÍGRAFE.....	xiv
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO DO TRABALHO	1
1.1. Introdução	1
1.2. Enquadramento	2
1.3. Justificação da Escolha do Tema	3
1.4. Objecto e Objectivos do Trabalho de Investigação	3
1.5. Pergunta de Partida	4
1.6. Questões de Investigação	4
1.7. Hipóteses.....	5
1.8. Metodologia e Estrutura do Trabalho	5
1.9. Considerações Finais do Capítulo.....	6
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	7

CAPÍTULO 2 – CONCEITOS RELEVANTES	7
2.1. Introdução	7
2.2. Perceção	8
2.3. Carreira	9
2.4. Adolescência	9
2.5. Considerações finais do capítulo	10
CAPÍTULO 3 – GNR E IMAGEM.....	11
3.1. Introdução	11
3.2. A imagem.....	11
3.2.1. Importância da imagem da Guarda Nacional Republicana	12
3.3. Que programas e técnicas de aproximação.....	12
3.4. Considerações finais do capítulo	13
CAPÍTULO 4 – O JOVEM	14
4.1. Introdução	14
4.2. A adolescência	15
4.2.1. A adolescência enquanto fase importante da vida	15
4.3. Importância da esfera privada.....	16
4.4. Transições para a idade adulta	17
4.4.1. Trajetórias e transições juvenis.....	19
4.5. O desenvolver de uma carreira	21
4.5.1. A carreira e o desenvolvimento individual.....	22
4.5.2. Desenvolvimento, satisfação e motivação na carreira	22
4.6. Considerações finais do capítulo	24
PARTE II – TRABALHO DE CAMPO	25

CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA DA PARTE PRÁTICA.....	25
5.1. Introdução	25
5.2. Metodologia do Trabalho de Investigação.....	25
5.3. Procedimentos e Técnicas.....	26
5.3.1 Entrevistas.....	26
5.3.2. Caraterização do Universo de Análise.....	27
5.3.3. Meios Utilizados	28
5.4. Considerações Finais do Capítulo.....	28
CAPÍTULO 6 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
6.1. Introdução	29
6.2. Análise qualitativa das Entrevistas	29
6.2.1. Análise de Conteúdo à Questão 1	30
6.2.2. Análise de Conteúdo à Questão 2	31
6.2.3. Análise de Conteúdo à Questão 3	32
6.2.4. Análise de Conteúdo à Questão 4	33
6.2.5. Análise de Conteúdo à Questão 5	34
6.2.6. Análise de Conteúdo à Questão 6	36
6.2.7. Análise de Conteúdo à Questão 7	37
6.2.8. Análise de Conteúdo à Questão 8	38
6.2.9. Análise de Conteúdo à Questão 9	39
6.2.10. Análise de Conteúdo à Questão 10	41
6.2.11. Análise de Conteúdo à Questão 11	42
6.2.12. Análise de Conteúdo à Questão 12	43
6.2.13. Análise de Conteúdo à Questão 13	45
6.3. Considerações Finais do Capítulo.....	47

CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	48
7.1. Introdução	48
7.2. Verificação das Hipóteses Formuladas	48
7.3. Cumprimento dos Objectivos	50
7.4. Resposta às Perguntas de Investigação	51
7.5. Reflexões Finais.....	51
7.6. Recomendações e Sugestões.....	52
7.7. Limitações da Investigação.....	52
7.8. Investigações Futuras.....	53
BIBLIOGRAFIA	54
APÊNDICES	58
APÊNDICE A – GUIÃO DA ENTREVISTA	59
APÊNDICE B – CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	63
ANEXOS	64
ANEXO A – POLICIAMENTO DE PROXIMIDADE	65

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO N.º 1 - RESPOSTA À QUESTÃO 1	30
QUADRO N.º 2 - RESPOSTA À QUESTÃO 2	31
QUADRO N.º 3 - RESPOSTAS À QUESTÃO 3	32
QUADRO N.º 4 - RESPOSTAS À QUESTÃO 4	33
QUADRO N.º 5 - RESPOSTAS À QUESTÃO 5	34
QUADRO N.º 6 - RESPOSTAS À QUESTÃO 6	36
QUADRO N.º 7 - RESPOSTAS À QUESTÃO 7	37
QUADRO N.º 8 - RESPOSTAS À QUESTÃO 8	38
QUADRO N.º 9 - RESPOSTAS À QUESTÃO 9	39
QUADRO N.º 10 - RESPOSTAS À QUESTÃO 10	41
QUADRO N.º 11 - RESPOSTAS À QUESTÃO 11	42
QUADRO N.º 12 - RESPOSTAS À QUESTÃO 12	43
QUADRO N.º 13 - RESPOSTAS À QUESTÃO 13	45
QUADRO N.º 14 - CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA	63

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

Apêndices

Apêndice A – Guião da Entrevista

Apêndice B – Caracterização da Amostra

Anexos

Anexo A – Policiamento de Proximidade

LISTA DE SIGLAS

AM	Academia Militar
BGUC	Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
EG	Escola da Guarda
ESEC	Escola Superior de Educação de Coimbra
ESC	Escola Secundária de Cantanhede
GNR	Guarda Nacional Republicana
ICS	Instituto de Ciências Sociais
ISCPSI	Instituto Superior de Ciências Policiais e de Segurança Interna
NEP	Normas de Execução Permanente
OMS	Organização Mundial de Saúde
PSP	Polícia de Segurança Pública
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
UL	Universidade de Lisboa

LISTA DE ABREVIATURAS

Ed.	Edição
EG	Escola da Guarda
E	Entrevistado
F	Feminino
H	Hipótese
In.	Citado em
M	Masculino
n.º	Número
Nac.	Nacionalidade
Natural.	Naturalidade
p.	Página
pp.	Páginas
s.d.	Sem data
Sr.	Senhor

*“Saber onde se quer chegar é mais importante
do que a rapidez com que se vai.”*

Merril & Merrill

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO DO TRABALHO

1.1. Introdução

Este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) surge como parte fulcral integrante dos cursos ministrados na Academia Militar (AM) e na estrutura curricular do mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Segurança. Representa portanto, o culminar de uma etapa de 5 anos de formação ministrada na AM, com o objetivo de formar os Oficiais da Guarda Nacional Republicana (GNR).

Este trabalho tem, portanto, um caráter específico e como tal, incide preferencialmente em domínios e áreas de interesse de estudo para a Guarda e para o cumprimento da sua missão. Como tal, está subordinado ao tema “Perceção dos jovens pré-universitários sobre as Forças de Segurança”.

Este trabalho visa então a elaboração de uma investigação e um estudo que incide sobre jovens que frequentam o 12º ano de escolaridade da Escola Secundária de Cantanhede (ESC) do distrito de Coimbra. Este estudo tem como objetivo principal perceber como os jovens alvo desta investigação percecionam as Forças de Segurança e para isto foram delineadas e formuladas um conjunto de questões e hipóteses para que esta análise seja feita de uma forma mais profunda e específica, tendo em conta as limitações em termos de tempo e em termos de acesso às entidades alvo de estudo. O objetivo inicial para este trabalho seria um estudo comparativo entre opiniões de jovens que frequentam uma escola localizada na área onde é territorialmente competente a Policia de Segurança Pública (PSP) e outra escola onde esta competência pertence à GNR. Tal não foi possível por falta de colaboração por parte dos órgãos da direção das escolas localizadas na área da PSP.

Neste capítulo pretende-se apresentar uma parte muito importante deste trabalho - a introdução - que por sua vez abrange o enquadramento, a justificação da escolha deste tema de estudo, o objeto e objetivos do trabalho de investigação e seguidamente apresenta

a formulação das questões de investigação e das hipóteses deste. Por fim, será enunciada a metodologia e a estrutura do trabalho, seguida de uma pequena síntese final deste capítulo.

1.2. Enquadramento

O presente trabalho de investigação tem por objetivo, como já foi referido no subcapítulo acima, a análise das perceções que os jovens, denominados de pré-universitários, têm acerca das Forças de Segurança. Este termo utilizado para definir e delimitar a amostra, foi escolhido com esse mesmo propósito, para se dar a entender e especificar que a amostra alvo de estudo são os jovens que frequentam o 12º ano do ensino secundário mas encontram-se prestes a ingressar no ensino superior ou a ser inseridos no mercado de trabalho.

Para tal, foi feita, numa primeira fase, uma análise documental para se poder fundamentar e explicar as linhas teóricas que delimitam a elaboração deste trabalho e dar a conhecer um pouco mais sobre o jovem e esta fase importante que atravessam nas suas vidas enquanto se denominam de isso mesmo - jovens adolescentes.

É nestas idades que se torna importante começar a chamar os jovens à discussão e/ou sensibilização sobre este tipo de assuntos, o que se revelará com certeza muito importante para que formulem as suas opiniões sobre estas instituições servidoras do Estado. Como irá ser explicado, é nesta faixa etária que as transformações físicas e psicológicas são mais evidentes e portanto, se formularem opiniões favoráveis e percecionarem as Forças de Segurança de uma maneira mais natural e positiva, será igualmente mais favorável para a aceitação e respeito que terão no futuro em relação a estas forças.

Esta amostra de jovens, nesta faixa etária, foi escolhida com o objetivo de analisar as perceções que têm sobre as Forças de Segurança que servem o Estado, tentando perceber também se construir uma carreira como membro destas forças se adivinha para eles uma possibilidade no futuro.

1.3. Justificação da Escolha do Tema

Este tema deste trabalho foi escolhido a partir essencialmente de uma grande questão que pretendíamos dar resposta. Esta questão prende-se e tem origem na análise e observação dos comportamentos dos jovens adolescentes nos dias de hoje. Partimos de uma dúvida: como representarão alguns jovens, em contextos específicos, as Forças de Segurança, tendo em conta a sua própria experiência pessoal? A partir daqui e desta grande dúvida suscitada, pretendeu-se escolher um tema em que isto pudesse ser estudado, analisado e explicado recorrendo a metodologias e técnicas de investigação científica específicas para a elaboração deste trabalho que tem um cariz científico.

Tendo em conta a abrangência de estudos que poderiam ser feitos dentro deste tema, o estudo limitou-se à percepção que os jovens têm hoje em dia sobre as Forças de Segurança, abrangendo também a questão de perspetivarem esta carreira como um possível futuro a seguir. Foi usado este termo – percepção -, porque como se vai enunciar em específico mais à frente neste trabalho, abrange todo um grupo de sinais e sensações captadas pelos nossos sentidos que são analisados pelo cérebro tendo em conta a informação nele contida.

Por outro lado, houve ainda um crescente de interesse na elaboração deste TIA subordinado a este tema, visto não haver ainda grande quantidade de estudos de cariz científico que abranjam os jovens e os interliguem ou associem às Forças de Segurança.

1.4. Objecto e Objectivos do Trabalho de Investigação

Devido à ampla abrangência de aspectos que poderiam ser aqui analisados, tendo como ponto de partida o tema escolhido, há necessidade de limitar e especificar o objecto de estudo propriamente dito. Definiu-se, assim, como objecto de estudo, a percepção que os jovens pré-universitários têm sobre as Forças de Segurança. Considera-se, para isto, a comunidade escolar do 12º ano de escolaridade do Concelho de Cantanhede, da ESC. Esta escola em específico foi escolhida, principalmente, devido ao facto de ter havido uma grande acessibilidade para a realização da investigação e devido a estar situada na área de responsabilidade territorial da GNR. Detínhamos, portanto, um conhecimento prévio da área e das instalações o que facilitou a execução e aplicação do trabalho de campo realizado neste trabalho. De referir ainda, que no concelho escolhido, não havia mais

nenhuma escola que englobasse o ensino secundário normal, apenas uma escola de ensino técnico-profissional.

Esta análise e estes resultados restringem-se apenas ao concelho de Cantanhede, não pretendendo nós extrapolar estes mesmos a outros níveis como regional ou nacional.

Assim, de forma a dar resposta às questões de investigação formuladas, definiram-se como **objetivos específicos**, os seguintes:

- Analisar a importância da perceção que a sociedade tem da GNR;
- Mostrar o que é feito para haver uma maior aproximação das Forças de Segurança aos cidadãos;
- Definir com rigor o estágio de desenvolvimento em que se encontram os jovens que foram alvo do estudo;
- Perceber as motivações que têm idealmente de existir no desenvolvimento de uma carreira;
- Perceber se os jovens percecionam esta carreira como futuro para eles;
- Perceber como são percecionadas as Forças de Segurança como um todo, pelos jovens.

1.5. Pergunta de Partida

Com o objetivo de analisar qual a imagem que os jovens têm em relação às Forças de Segurança estabeleceu-se a seguinte questão de partida que está na origem deste trabalho, que é: **Qual a perceção que os jovens pré-universitários têm sobre as Forças de Segurança?**

1.6. Questões de Investigação

Este trabalho não se pretendeu cingir unicamente à análise do que os jovens percecionam sobre as Forças de Segurança, e como tal, da questão central levantada no subcapítulo anterior, surgiram as seguintes questões derivadas:

- Têm os jovens uma perceção realista ou idealista sobre as Forças de Segurança?

- Percecionam os jovens as Forças de Segurança como profissão de poder e superioridade ou como profissão de respeito e apoio?
- Consideram os jovens a missão destas como um serviço público prestado ou apenas a entendem envolta em constante ação?
- São as suas opiniões influenciadas de alguma forma por alguém ou algo externo a eles próprios?

1.7. Hipóteses

De acordo com os objetivos deste trabalho e as questões de investigação levantadas, enunciam-se então as seguintes hipóteses:

H1 – Muitos jovens encaram hoje em dia como opção, o ingresso nas Forças de Segurança;

H2 – Os jovens que pretendem concorrer às Forças de Segurança, preocupam-se um pouco mais com os assuntos relacionados com estas;

H3 – Os jovens não encaram com o devido respeito os membros das Forças de Segurança e o trabalho realizado por eles;

H4 – Existe um conhecimento pouco realista por parte dos jovens, em relação às missões desempenhadas pelas Forças de Segurança;

H5 – Os jovens que tenham familiares membros destas instituições, terão uma perceção diferente dos jovens que não têm qualquer influência familiar.

1.8. Metodologia e Estrutura do Trabalho

Para dar consecução aos objetivos traçados e delineados na redação deste TIA, foi seguida a metodologia científica prevista pela AM (Academia Militar, 2011), complementada também quanto a determinadas questões que não eram referidas nessas normas, com a metodologia apresentada em outros livros de metodologia científica.

Este trabalho foi dividido em duas grandes partes principais, uma parte teórica e uma parte prática.

Na parte teórica deste trabalho, representada pela Parte I – Enquadramento Teórico, foi usado o método de análise documental¹ como método de recolha de informação para a elaboração desta.

Esta análise documental tem como objetivo primordial a sustentação teórica de toda a investigação, verificando-se, para isso, a pesquisa, análise e tratamento de documentos, tanto a nível interno como a nível externo. Como este trabalho em específico relaciona duas realidades – os Jovens e a GNR – focalizou-se na análise de documentos institucionais, bem como em obras essencialmente da área da sociologia que nos falam sobre os jovens e nos descrevem essa fase importante da vida pela qual estão a passar, fase essa em que tem transições importantes e a partir da qual os jovens são levados a tomar decisões importantes para os seus futuros profissionais e pessoais.

Na parte prática, Parte II – Trabalho de Campo, foram discutidas e analisadas as entrevistas semi-dirigidas, elaboradas a uma amostra escolhida previamente, que passou a ser o alvo de estudo. Como principal motivo de escolha desta amostra, está o facto de serem jovens na idade adolescente prestes a ingressar no ensino superior ou serem inseridos no mercado de trabalho.

1.9. Considerações Finais do Capítulo

O primeiro capítulo deste TIA revela-se então muito importante visto servir de ‘capa’ e apresentação para o restante trabalho. Destina-se a isso mesmo, à elaboração da introdução e também contém as linhas orientadoras deste trabalho, os objetivos que se pretendem atingir e as hipóteses formuladas tendo como base a questão nevrálgica de partida deste trabalho e suas questões derivadas. Engloba ainda a metodologia utilizada na elaboração desta primeira parte teórica do trabalho.

¹ Segundo Bardin (1994), “O propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação com o máximo de pertinência.”

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 2 CONCEITOS RELEVANTES

2.1. Introdução

Para a realização deste trabalho de cariz científico torna-se importante definir alguns conceitos para uma melhor e mais clarificada leitura do mesmo. É, portanto, importante delimitar e especificar os conceitos que irão ser abordados ao longo do trabalho.

Nos dias de hoje, cada vez mais se revela importante a imagem e opinião que os vários públicos têm das várias instituições do Estado para que sejam legitimamente reconhecidas no seio da sociedade. Tendo em conta uma abordagem sociológica, a legitimidade de uma instituição é fundamentada pelo facto das práticas específicas dessa mesma instituição serem vistas, aos olhos do público, como fundamentadas no direito, na razão e na justiça (Alves, 2011). Torna-se, por isto, determinante estudar a percepção e a imagem que a sociedade civil tem das instituições que a serve.

Esta percepção e imagem que o público tem das Forças de Segurança terá de ter como ponto de partida ideal o sentimento de confiança para que assim elas possam ser reconhecidas e terem uma sólida base para as suas principais acções de segurança e policiamento.

Neste capítulo serão então definidos os conceitos de percepção, carreira e adolescência. O esclarecimento destes termos tem um importante papel para uma melhor percepção e mais clarificada leitura deste trabalho.

Posteriormente, será então feita uma pequena síntese do capítulo.

2.2. Percepção

O termo “percepção” pode ser analisado de variadas perspectivas e contextos que se torna de todo importante defini-lo correctamente com vista a clarificar o sentido do mesmo e a aplicabilidade deste no âmbito do presente trabalho.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, o conceito adquire vários significados de acordo com a abordagem que se fizer do tema. Provém, então, do termo latino *perceptiōne*, traduzindo acto ou efeito de perceber, tomada de conhecimento sensorial de objectos ou acontecimentos exteriores, resultado ou dados da percepção, noção, conhecimento e em sentido figurado, discernimento (Castro & Gomes, 2009).

De acordo com o Dicionário de Psicologia (1996), percepção é a organização das informações transmitidas pelas sensações que permitem assim conhecer a realidade. Nesta organização intervêm factores externos (movimento, intensidade e contraste dos estímulos) e factores internos (biológicos, como a fome e o sono; e psicológicos, como a motivação e a expectativa). Esta organização dá muitas vezes origem a fenómenos de constância², mas tem de se ter em conta que podem ocorrer por vezes perturbações ou ilusões perceptivas.

Segundo um outro ponto de vista, que é o da Psicologia Social, para Daryl J. Bem (1972), o indivíduo é capaz de gerar percepções quando activado por estímulos externos que lhe suscitam reflexões aprofundadas sobre si próprio e o seu meio ambiente.

A percepção é então o processo através do qual os estímulos sensoriais do meio ambiente são interpretados, analisados e integrados com outra informação sensorial, proveniente do cérebro (Feldman, Compreender a Psicologia, 2001, p. 101).

Neste fenómeno perceptivo existem algumas incorrecções/ilusões que podem advir de uma errónea percepção. O problema fundamental da percepção consiste em saber como conseguimos apreender os objectos e acontecimentos do mundo que nos rodeia. No campo da percepção visual, as principais questões dizem respeito ao modo como vemos a profundidade, o movimento, e a forma (Gleitman, 1999, p. 313), ou seja, como vemos o todo.

Com isto, é de ressaltar que a percepção é também o modo como conseguimos observar o todo, conjugando e cruzando os elementos captados pelos nossos sentidos com a informação analisada também pelo cérebro.

² Fenómeno em que as percepções que existem coincidem com a realidade absoluta

As percepções que podem existir acerca de instituições como são as Forças de Segurança não são somente formuladas a partir da imagem que observamos ou julgamos observar através de uma mensagem visual apenas, mas têm também origem num “entrelaçar” de observações com informações que estão subjacentes à actuação policial destas.

2.3. Carreira

O conceito de carreira segundo Barley (1989), pode ser definido como “o conjunto de experiências profissionais que um indivíduo tem ao longo da sua vida, as quais podem ser relativamente diversificadas, relativamente homogéneas ou com baixa mobilidade, isto é, decorrer no interior de um conjunto de ocupações profissionais relativamente restrito”.

A carreira e o seu desenvolvimento, baseiam-se numa sequência evolutiva de experiências individuais ao longo do tempo, mas, além disso, implicam também e têm em consideração a implementação e monitorização de objetivos, quer pessoais quer organizacionais (Frederico, 2006). Segundo o mesmo autor, é importante também, para o desenvolver de uma carreira, a vida privada e familiar do indivíduo, porque idealmente, a carreira deve ser pensada como uma estrada que está a ser construída pela pessoa e pela organização da qual faz parte.

Assim, o desenvolvimento da carreira consegue-se através da combinação entre os esforços do próprio indivíduo e da organização, ajustando o mais possível os interesses, habilidades, valores e preferências do indivíduo às exigências do cargo ou função, no sentido de alcançar tanto os objetivos individuais como organizacionais (Finuras, 2011).

2.4. Adolescência

A compreensão da adolescência começa desde logo com a tradução feita a partir da palavra latina da qual provém, *adolescere*. O significado desta caracteriza, por si só, este período da vida, ou seja, “crescer” ou “crescer para a maturidade”.

Existem vários autores assim como várias perspectivas teóricas que delimitam, quanto ao enquadramento etário, esta fase da vida de diferentes formas. De acordo com Stanley Hall (1904), esta fase de crescimento ocorre entre os 14 e os 24 anos. Já Erik

Erikson (1968), traça o período da adolescência num intervalo que abrange os 12 e os 18/20 anos de idade, altura em que o jovem adquire uma identidade psicossocial. Por sua vez, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o adolescente é definido como sendo alguém com idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos de idade³.

Como vemos, este é um conceito que pode ser abordado e analisado segundo o ponto de vista de vários autores que, por sua vez, utilizam e têm várias perspectivas de estudo e sua abordagem.

A adolescência é, então, entendida como sendo um estágio de desenvolvimento entre a criança que o jovem está a deixar de ser e o adulto que se virá a tornar, ocorrendo mudanças fisiológicas, sociais, emocionais e cognitivas que se revelam muito importantes para a luta do adolescente pela independência e entrada no mundo adulto (Feldman, 2001).

2.5. Considerações finais do capítulo

Neste capítulo foram abordados três conceitos importantes para um melhor e mais claro entendimento deste trabalho.

A percepção é então o modo como se vê e observa o mundo que nos rodeia, analisando a informação sensorial captada pelos nossos sentidos, tendo em conta também a análise feita e proveniente do cérebro.

O conceito de carreira revela-se fundamental na medida em que nos permite entender melhor os ciclos de vida profissionais e suas dinâmicas (traduzidas na metáfora da estrada), factores não abarcados nos conceitos de profissão e ocupação.

A adolescência foi definida de acordo com vários autores e de acordo com várias abordagens teóricas. É assim de especial importância a clareza no seu entendimento visto que a adolescência é, por princípio, a faixa etária em que estão incluídos os jovens que serão alvo de análise nesta tese e que servirão como base fundamental ao estudo de campo realizado neste trabalho de investigação.

³ <http://www.who.int>

CAPÍTULO 3

GNR E IMAGEM

3.1. Introdução

Encaminhando a análise para as Forças de Segurança, e em particular a Guarda Nacional Republicana, tema que serviu de objeto de estudo para este trabalho, iremos tentar perceber um pouco a importância de como se difunde a sua imagem socialmente. Para além disto, é importante referir também o que é feito por parte desta instituição para que a perceção e imagem que transmite seja construída e reforçada por parte da sociedade.

Como afirmou Alves (2008), a sociedade portuguesa tem vindo a sofrer várias mudanças culturais e sociais, e como a GNR é parte integrante da sociedade tem como dever acompanhar estas transformações. Neste contexto refere que, “Uma Força de Segurança que não acompanha a sociedade acaba sendo rejeitada por ela” (Alves, 2008).

3.2. A imagem

O termo imagem pode adquirir vários significados e sentidos de acordo com os contextos e intenções com que é empregue.

Este termo provém do termo latino *imagine*, que se traduz por reprodução, retrato e impressão (Machado, 2003), podendo tomar também outros significados, como por exemplo, aparência. De acordo com Vaz (2003), o conceito de imagem tem-se vindo a popularizar de uma forma crescente nas ciências da comunicação humana desde o início da segunda metade do século XX e traduz-se num conjunto de ideias que uma pessoa tem ou assimila a respeito de um objeto, e com isso, forma na sua consciência uma opinião particular sobre ele, seja um facto, uma pessoa ou uma instituição.

3.2.1. Importância da imagem da Guarda Nacional Republicana

Como vimos, tudo o que é plausível de atingir a nossa consciência, formula no ser humano um pensamento o que se revela por si só, a formulação de um ideia. No caso de organizações que prestam serviços de segurança e apoio, como é o caso da Guarda Nacional Republicana, a imagem expressa a ideia que o público tem delas, bem como dos serviços que prestam. Neste sentido, a imagem não é aquilo que a própria organização acredita ser, mas aquilo que o público percebe acerca da mesma, a partir daquilo que sabe, vê ou experiencia sobre o desempenho dos seus funcionários, a disponibilidade, bem como da promoção que a organização faz de si própria e daquilo que os outros dela dizem.

De acordo com o Manual de Comunicação e Atendimento da Escola da Guarda (EG), no caso concreto da Guarda Nacional Republicana que é uma instituição criada para o bem público, a importância da percepção dos cidadãos na avaliação da qualidade dos seus serviços é de elevado valor, especialmente quando as estratégias organizacionais das forças de segurança, nas actuais sociedades, seguem uma lógica colaborativa e preventiva. Esta percepção, que origina imagens menos ou mais favoráveis relativamente à instituição vai traduzir-se, assim, numa menor ou maior predisposição por parte dos cidadãos para colaborar com as Forças de Segurança.

Revela-se importante, então, a criação de uma imagem pública da Guarda, que seja de confiança. A Segurança é um dos fins últimos do Estado e é indispensável ao prosseguimento dos fins da Justiça e Bem-Estar, por isto requer que se verifique um ambiente de confiança nas relações sociais que a GNR desenvolve. Com isto, revela-se importante ressaltar, que a confiança creditada nas Forças de Segurança, é a base da legitimidade das ações de segurança e policiamento que executam (Alves, 2011).

3.3. Que programas e técnicas de aproximação

O acima referido enquadramento social, do qual a GNR faz parte, tem-se vindo a tornar cada vez mais exigente, e como consequência disso, os cidadãos tornam-se igualmente mais exigentes para com quem lhes presta serviços, em especial com as Forças de Segurança, visto serem o garante dos seus direitos, liberdades e garantias. Devido a isto, e com os crescentes desafios colocados à Guarda, devido a mudanças sociais que sempre

ocorrem, os padrões de policiamento têm de ser alterados e orientados em função das novas necessidades.

É importante então chamar e motivar o cidadão a ter um papel ativo na segurança integrando-o no conceito de Policiamento de Proximidade⁴ e incentivando-o a participar na segurança, numa clara demonstração de que vale a pena acreditar, confiar e apoiar o trabalho das Forças de Segurança.

Para se conseguir esta maior aproximação do cidadão às Forças de Segurança foram criados e desenvolvidos na Guarda um conjunto de programas específicos, denominados por Programas Especiais que não são mais do que medidas tomadas pelas Forças de Segurança para que haja um enfoque especial em problemas concretos e em grupos sociais mais vulneráveis. Existem vários Programas Especiais já implementados e em desenvolvimento na Guarda, de entre os quais, o Programa Escola Segura, Programa Apoio 65 - Idosos em Segurança e Programa Comércio Seguro, os quais se encontram contemplados e regulamentados na NEP/GNR – 3.58 (2011).

Este Policiamento de Proximidade permite criar uma relação de proximidade e visibilidade entre o cidadão e o guarda, permite melhorar e promover a ligação com todos os atores sociais relevantes e permite fomentar a noção de serviço público e da sua qualidade criando um sentimento de satisfação nos destinatários, fazendo com que os cidadãos confiem nesta Força de Segurança, o que influenciará positivamente a imagem que constroem sobre ela.

3.4. Considerações finais do capítulo

Com a elaboração deste capítulo pretendeu-se revelar como é importante a criação, transmissão e desenvolvimento de uma imagem positiva da Guarda para que possa ser então, aceite, respeitada e tida como o verdadeiro garante da segurança em todo o território nacional.

É importante criar e alimentar o sentimento de confiança na sociedade para que possam ver e sentir que de facto, são desenvolvidos esforços por parte desta instituição para que o sentimento de segurança seja vivenciado por todos.

⁴ Ver Anexo A – Policiamento de Proximidade

CAPÍTULO 4

O JOVEM

4.1. Introdução

Com a elaboração deste capítulo pretende-se dar a conhecer ao leitor um pouco da realidade juvenil que atualmente se vivencia, tanto a nível pessoal como a nível profissional. Esta realidade é aqui tratada aprofundadamente visto se tratar da fase em que os jovens alvo de estudo neste trabalho, se encontram.

Para isto o capítulo em questão abordará, numa primeira fase, o conceito de adolescência e a sua importância enquanto fase crucial do desenvolvimento, a todos os níveis, do ser humano.

Seguidamente, dá-se a conhecer a importância que tem a vida privada de cada pessoa (nesta fase das suas vidas) na construção da sua identidade e na idealização e construção de todo o seu percurso de vida.

Falaremos também das trajetórias e transições que ocorrem nas idades juvenis e de quais os fatores que influenciam estas, atualmente.

Por fim, abordaremos mais uma vez o conceito de carreira, desta vez aplicado e direcionado diretamente para os jovens, visto ser nesta fase das suas vidas que tomam importantes decisões em termos profissionais e escolhem a área de trabalho na qual pretendem construir os seus percursos.

Dado existir toda uma ambiguidade de abordagens a estes conceitos e temáticas, torna-se importante salientar que no presente capítulo foram abordadas as perspetivas de alguns autores reconhecidos ao longo do tempo neste tipo de investigações, e outros que atualmente continuam debruçar-se e escrever sobre estas temáticas.

4.2. A adolescência

Para Klein (1990), a emergência das próprias noções de infância, adolescência ou juventude são já um reflexo de mudanças culturais, possibilitadas pelos processos de diferenciação social decorrentes dos processos de modernização. Segundo o mesmo autor, deve-se particular destaque ao domínio económico, pois graças a este emergiu (ainda que muito lentamente) o domínio educativo, que fez com que surgissem as novas idades da vida que medeiam a infância e a idade adulta. Ainda na mesma linha de pensamento e do ponto de vista do indivíduo, permanece a ideia de que o jovem adolescente é alguém inacabado e em processo de construção, e este facto imprime a esta fase da vida um incontornável carácter transitório e ambíguo.

Sampaio (2001) define adolescência como sendo uma etapa do desenvolvimento, que ocorre desde a puberdade à idade adulta, ou seja, desde a altura em que as alterações psicobiológicas iniciam a maturação até à idade em que um sistema de valores e crenças se enquadra numa identidade estabelecida.

4.2.1. A adolescência enquanto fase importante da vida

A adolescência é, portanto um processo individual de construção da identidade, ao mesmo tempo que se revela também um processo familiar e cultural (Pappámikail, 2011).

Segundo Marcelli (2008), este é um processo que entrelaça os tempos de vida individuais, familiares e sociais, implicando não apenas o ator que o experimenta como aqueles com quem partilha o quotidiano, com os pais a merecerem aqui especial destaque. Os pais, idealmente, impõem fronteiras muito importantes, que funcionam como limites às práticas e comportamentos às ações dos jovens, mas as pressões sociais exercidas pelos pares e os dilemas e tensões que resultam de querer simultaneamente ser diferente e igual aos demais, também funcionam igualmente como limites (Pappámikail, 2011). Segundo esta autora, os pares representam então uma instância de validação e reconhecimento identitário muito importante.

O indivíduo jovem identifica-se por aquilo que já não é (uma criança cuja estatura física a demarca claramente do universo de outros sujeitos que a tutelam, vigiam e protegem), mas também por aquilo que ainda não é, embora biologicamente possa já parecer (um indivíduo com um corpo adulto, a que se associam características e

competências como maturidade, responsabilidade autonomia e independência) (Ciccheli, 2001).

O jovem adolescente altera, portanto, a imagem que tem de si, mas também a imagem que têm de si (Pappámikail, 2011) e, consecutivamente, expõe-se e é exposto a cada vez mais desafios (provas) e experiências no seu quotidiano. Desafios esses que surgem da conquista e da integração em novos territórios de interação, nos quais o jovem adolescente desenvolve as suas potencialidades de ação/reação e onde se movimenta com crescentes graus de liberdade (Breviglieri, 2007).

Assim, pode dizer-se que a adolescência começa quando acabam as transformações pubertárias⁵, e termina com a construção de uma autonomia e identidade, com a vontade em elaborar projectos de vida e com a vontade em se sentir parte integrante da sociedade (Rocha, 2010).

4.3. Importância da esfera privada

Com o auge da modernidade organizada era esperado que os percursos individuais de cada pessoa obedecessem a padrões fixos e estruturados segundo etapas que seguem uma sequência, da infância e juventude à idade adulta e velhice (Aboim, 2010). Neste período histórico ocorreu esta padronização dos cursos de vida, mas foi imediatamente seguido de uma nova fase histórica que foi mais marcada pela deslinearização e pluralidade desses mesmos **Fonte especificada inválida.**

Segundo Aboim (2010), existe portanto uma tensão entre a estandardização e a individualização dos percursos de vida. Segundo o mesmo autor, esta tensão é devida a diferenças culturais e normativas que estabelecem as normas reguladoras dos comportamentos socialmente apropriados e os valores da autonomia e auto-realização.

No entanto, no presente, é no âmbito da vida privada que o curso de vida tende a adquirir desestandardizações mais assinaláveis e importantes (Ferreira & Nunes, 2010). De acordo com estes mesmos autores, em Portugal, as mudanças no âmbito da esfera privada foram muito relevantes nas últimas décadas, não só porque se alteraram as idades padrão para a realização de determinadas transições, mas também porque a sequência linear entre essas várias transições se alterou significativamente.

⁵ Transformações a nível do aspecto físico na adolescência, que inclui o crescimento e a maturação sexual. Para as raparigas inicia por volta dos 11 ou 12 anos, e para os rapazes, por volta dos 13 ou 14.

Comparando, então Portugal com os restantes países europeus integrantes do European Social Survey⁶, verificamos que tendemos a idealizar algumas transições nos nossos cursos de vida um pouco mais cedo, e outras um pouco mais tarde. Em Portugal tende-se a idealizar as transições da juventude mais cedo do que a média europeia, antecipando assim, a entrada numa vida adulta marcada pela conjugalidade e pela parentalidade. A título de exemplo, em Portugal, a exceção reside na entrada numa relação de coabitação conjugal que é tida como ideal se iniciada mais tarde, já depois dos 23 anos (Aboim, 2010).

Assim, visto isto e apesar da maioria dos indivíduos, em todos os países, apontarem idades ideais e aceitáveis para se realizarem determinados comportamentos nos seus cursos de vida, as biografias individuais estão longe de serem estáticas.

4.4. Transições para a idade adulta

De acordo com Riley (1987) e Settersten e Mayer (1997), o conceito de «curso de vida» engloba a trajectória social do indivíduo ao longo da sua vida, metaforicamente ordenada através da idade. Apesar de ser individual, este tempo biográfico é cultural e normativamente organizado em função de itinerários disponíveis nos contextos sociais onde a vida é vivida: contextos conjunturais de espaço o tempo, contextos institucionais e estruturais de uma dada formação social (família, escola, mercado de trabalho, por exemplo), contextos vivenciados relativos às situações e condições sociais de existência dos indivíduos, bem como às suas contingências biográficas (Giele & Elder, 1998).

Nas sociedades industrializadas ocidentais, hoje-em-dia, o curso das vidas das pessoas começou a ter designações específicas e aceites como «infância», «juventude», «idade adulta» e velhice». O que não está claro, nem existe uma determinação fixa para tal, são os limites superiores e inferiores delimitativos das idades de transição entre esses escalões etários. As respectivas transições seriam muitas vezes identificadas como um conjunto de eventos fundamentais para a regulação social nas sociedades ocidentais, como a escola, a família e o trabalho. A finalização da carreira escolar, a inserção no mercado de trabalho, a autonomização residencial face à família de origem, a constituição de uma nova

⁶ O European Social Survey é, como o nome indica, um inquérito social europeu, que tem por base pesquisas académicas que pretendem explicar a interação entre as instituições em mudança na Europa e explicar também as atitudes, crenças e padrões de comportamento das diferentes populações que a constituem.

família através da conjugalidade e/ou da parentalidade, a chegada à reforma, a assunção do estatuto de avô ou avó, têm sido alguns dos marcadores com maior valor social e normativo de transição nas sociedades ocidentais, nomeadamente na Europa (Ferreira & Nunes, 2010).

Hoje em dia existe uma grande alteração a nível destas transições devido a inúmeros factores como o aumento do desemprego, a separação, o divórcio, o adiamento da idade da reforma e também, por exemplo, o aumento da esperança média de vida. São portanto factores que têm contribuído para a alteração das etapas da vida de uma pessoa e como tal, esta já não se pode perceber como um ciclo que se cumpre de forma sucessiva e pautada.

Segundo Erickson (1968) a juventude terá deixado de ser uma etapa de aprendizagem definitiva, cumulativa e linear de papéis sociais vários que culminaria num período de «maturidade» psicológica e estabilidade identitária, socialmente garantida através de um núcleo familiar estável e de um emprego durável a que se seguiria uma fase de merecido repouso. Ser «jovem» é hoje-em-dia cada vez mais uma fase indeterminada da vida. Consequentemente, não só esta fase da jovialidade se está a tornar mais indeterminada e incerta. Também as restantes fases da vida vão por esse mesmo caminho.

Neste mesmo contexto, a vida de hoje tende a ser percebida e experimentada como um longo caminho de constante aprendizagem e de reconstrução, nos quais os indivíduos vão sendo confrontados com episódios, situações e circunstâncias passíveis de constituírem pontos de viragem, ou seja, eventos que possam indicar uma transição que, estando ou não sob o controlo dos indivíduos, trazem consequências maiores nas suas vidas e/ou identidades, alterando as suas estruturas previstas (Brettel, 2002).

O curso de vida então tende cada vez mais a ser inesperado e pouco ritmado, exigindo portanto, que as pessoas se tenham de adaptar de forma mais flexível a novas condições sociais e materiais, passíveis de reverter e desviar os caminhos traçados e/ou esperados anteriormente.

Esta nova realidade social está a propiciar novas experiências mais difusas e turbulentas aos jovens desta geração social, que provêm do mundo social existente mais incerto e instável (Ferreira & Nunes, 2010).

O percurso escolar tende a ser um processo de aprendizagem ao longo das vidas das pessoas, com abandonos e regressos intermitentes; as trajectórias profissionais são cada vez mais flutuantes, com a proliferação de formas instáveis de inserção no mercado de trabalho, com a promoção da mobilidade e da reconversão laboral e com o aumento do

risco de desemprego de curta e longa duração; a autonomização da família de origem tende a acontecer cada vez mais tarde e, não tão raras vezes, mantendo modalidades de relativa dependência; a fundação de novas unidades residenciais já não está obrigatoriamente associada à formação de novas famílias, sendo cada vez mais plurais os processos de autonomização e de constituição familiar que medeiam a entrada na «idade adulta» (Ferreira & Nunes, 2010).

Outros aspectos que contribuem em parte para estas alterações são os contextos nacionais vividos e existentes (sistemas de educação, de formação, de emprego, de habitação, de segurança social, de participação cívica, políticas de juventude, etc.), tal como as próprias economias (mais ou menos desenvolvidas e estabilizadas) e padrões histórico-culturais (de género, de família, de etnicidade, de mobilidade social, etc.) (Ferreira & Nunes, 2010).

Devido a isto, e como nos diz Pais (2010), um dos traços que mais caracterizam a actual condição juvenil é a situação de impasse vivida por muitos jovens em relação ao futuro, proveniente do facto de que as suas trajectórias de vida são cada vez mais indeterminadas.

Se antigamente eram facilmente reconhecidos os marcadores de passagem dos jovens para a idade adulta (como por exemplo casar, ter filhos e ter um emprego), hoje em dia derivado das incertezas nas trajectórias de suas vidas, esses mesmos marcadores não são tão estanques nem inflexíveis.

Um outro factor que vem de encontro a isto, é de que o conceito de ciclo de vida já está a ser substituído pelo conceito de curso de vida. Isto deriva do facto de que a vida das pessoas deixou de ser pautada e repetida consecutivamente geração após geração, e passou a ser do indivíduo o principal papel da construção da sua trajectória (Pais, Cursos de Vida, padronizações e disritmias, 2010).

Atravessamos hoje uma certa ambivalência social: uma «juventude» que se prolonga cada vez mais, uma «maturidade» e/ou «estabilidade» cada vez mais difícil de ser alcançada (Ferreira & Nunes, 2010).

4.4.1. Trajetórias e transições juvenis

Uma introdução histórica terá de ser feita, separando- três fases muito importantes.

Começando pela sociedade industrial, construída entre 1850 e 1950, com uma sólida, rígida e hierárquica estrutura de classes (Calvo, *A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil*, 2011). Segundo este mesmo autor, naquela altura, os itinerários juvenis traçavam uma trajetória de classe que estava predeterminada pela posição ocupada pela família de origem, sem grande margem para qualquer mobilidade ascendente. Isto fazia com que apenas as classes burguesas atrasassem a emancipação dos filhos varões, prolongando a sua juventude, derivado a fazerem parte e a socializarem na subcultura estudantil. Por outro lado, nas classes subordinadas, a juventude durava muito pouco tempo porque a inserção na vida adulta dava-se em idades muito precoces.

Após a II Guerra Mundial, a solidez da estrutura de classes permeabilizou-se bastante graças ao crescimento dos salários reais. Este fator fez com que a classe operária se tivesse aburguesado integrando-a na sociedade de consumo de massas, e o prolongamento e democratização da escolarização académica garantindo a igualdade de oportunidades entre todos os jovens. Assim, os filhos das classes trabalhadoras acumularam capital humano e tiveram acesso à universidade, conseguindo ascender a posições mais elevadas do que as dos seus pais na estratificação social. Devido a este factor, a trajetória juvenil começou a emancipar-se da origem da classe, passando a estar dependente e regulada pelo esforço pessoal de cada jovem em função do seu rendimento académico. Assim, deu-se origem a uma subcultura juvenil cada vez mais universal, produzida pela indústria do lazer e consumida entre os grupos de pares (Coleman & Husén, 1989).

Nesta altura, a ora sociedade pós-industrial, após o impacto da crise económica internacional, começou a desestruturar-se por efeito dos fluxos migratórios e da precariedade laboral (Bauman, 2000). Assistiu-se assim a uma nova divisão em classes sociais que já não é estrutural, rígida, nem estável, mas sim conjuntural, volátil e de geometria variável, derivado das suas linhas divisórias movimentarem-se paralelamente às recorrentes e repetidas crises. Isto faz com que os sujeitos tenham deixado de pertencer inequivocamente a uma posição numa classe social, e passem a andar constantemente impulsionados por forças de mercado que o Estado já não consegue controlar (Calvo, *A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil*, 2011).

Segundo o mesmo autor, na atualidade, para se manter ou ascender socialmente, de pouco servem as influências e relações sociais dos pais e também já não bastam os títulos académicos que creditam os jovens como profissionais qualificados. Acontece, portanto, que muitos jovens desistem precocemente da entrada para o mercado de trabalho devido à

dificuldade em alcançar o estatuto a que pertenciam na sua família de origem e acabam por atrasar a sua emancipação adulta até idades mais avançadas (Calvo, 2002), fazendo com que atrasem determinadas transições nas suas vidas que dizem respeito à emancipação pessoal, como os marcadores de emancipação financeira e residencial (entrada no mundo do trabalho e saída de casa dos pais) (Ferreira & Nunes, 2010).

A perda de estatuto social a que os jovens estão sujeitos, faz com que as trajetórias juvenis passem a ser relativamente indeterminadas, e o curso futuro destas dependem hoje da variação das forças conjunturais do mercado que o Estado já não sabe controlar (Calvo, *A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil*, 2011). Segundo o mesmo autor, em consequência, os jovens deixam de se obcecar pela pesquisa inalcançável de um destino último cujo controlo lhes escapa, e optam por se adaptar ao que aqui e agora encontram à mão.

Com isto, o destino último da trajetória juvenil não é garantido com suficiente certeza, o que faz desta trajetória uma espécie de lotaria ou roda da sorte onde os resultados dos esforços dos jovens em desenvolverem uma carreira laboral ou profissional, não se podem prever porque a probabilidade relativa de êxito é impossível de calcular (Calvo, 2011).

Se antes os destinos dos jovens se articulavam em torno de instituições e garantias sociais caracterizadas pelo compromisso, permanência e continuidade, hoje o seu futuro será mais nublado, imprevisível e descontínuo, caracterizado por itinerários de cenário aberto, associados a condições de socialização caracterizadas pelo risco, contingência e aleatoriedade de vários níveis e em várias esferas sociais (Pais, 2001).

4.5. O desenvolver de uma carreira

A satisfação perante o trabalho, as motivações e os valores dos trabalhadores têm tendência a alterar-se ao longo do seu percurso de vida profissional, muito por culpa do natural desenvolvimento das suas competências, do estatuto que adquirem nas organizações em que trabalham, mas principalmente, devido ao modo como integram o seu trabalho com a sua vida social e familiar (Barnes-Farrel & Matthews, 2007). Assim, e segundo Duarte & Lopes (2010), pode argumentar-se que existe uma estreita ligação entre as fases de desenvolvimento de carreira e os contextos de trabalho.

4.5.1. A carreira e o desenvolvimento individual

O conceito de carreira é então suficientemente complexo e integrador, fazendo assentar as suas explicações em diferentes perspectivas teóricas: psicológicas, sociológicas, vocacionais, económicas, etc. (Arthur, 2008). Segundo o mesmo autor, de entre estas, salientam-se as teorias do desenvolvimento individual, uma vez que se centram nas decisões que os indivíduos tomam sobre as suas carreiras nas diferentes fases das suas vidas, reflectem os seus percursos anteriores e são afectadas por diferentes marcadores da vida.

Por outro lado, para Duarte & Lopes (2010), estas teorias não têm em consideração as faixas etárias em que os indivíduos se encontram no desenvolvimento da sua carreira, assumindo assim que, os indivíduos que se encontram em cada uma das fases de carreira, apresentam padrões de motivação, atitudes e comportamentos semelhantes entre si e que são distintos dos indivíduos noutras fases de desenvolvimento. Isto porque ao se focarem no indivíduo não têm em consideração o desenvolvimento diferenciado das carreiras de profissionais mais qualificados, como por exemplo, na carreira da medicina, ser diferente de uma carreira de mecânico, o que forçosamente permite oportunidades de desenvolvimento profissional bastante diferenciadas.

Visto isto, a ocupação profissional define então, por um lado, as oportunidades de aprendizagem de novos conhecimentos e competências, a criação de redes de contacto social, as possibilidades de empregabilidade futura, o rendimento disponível, o tipo de reconhecimento social e a definição da própria identidade social. Por outro lado, tais dinâmicas definem uma baixa mobilidade dos indivíduos relativamente às suas profissões conduz a fases de carreira relativamente estáveis, às quais se podem associar motivações e formas de desenvolvimento pessoal específicas (Gabriel, 2003).

4.5.2. Desenvolvimento, satisfação e motivação na carreira

A satisfação de diferentes motivações depende do tipo de trabalho desenvolvido: as profissões com menor complexidade técnica e sem responsabilidades de supervisão tenderão a evidenciar menor autonomia, maior necessidade de definição do tipo de trabalho a executar, bem como maior programação das tarefas, o que implicará menores oportunidades de desenvolvimento pessoal e, possivelmente, maior importância de

motivações extrínsecas⁷ (Duarte & Lopes, 2010). Por outro lado, e segundo este mesmo autor, funções mais técnicas e de supervisão estarão mais relacionadas com maior autonomia, maiores oportunidades para desenvolver as competências próprias e maior motivação intrínseca⁸.

De acordo com Super (1980), o desenvolvimento de uma carreira é condicionado pelas circunstâncias em que o indivíduo se encontra, mas também pelas percepções que o próprio indivíduo possui acerca do seu desenvolvimento. Este autor define quatro fases principais de desenvolvimento de uma carreira: 1. A fase de experiência, que é caracterizada por uma definição dos interesses do indivíduo e pela construção da sua auto-imagem. 2. A fase de estabelecimento, em que os indivíduos mostram mais apetência pela aprendizagem e procura de autonomia e procuram experiências de trabalho mais diversificadas de forma a adquirirem quais são os seus interesses profissionais e também as competências profissionais que lhes podem dar maior confiança no exercício da sua profissão. 3. A fase de manutenção, na qual existe uma menor apetência para a mobilidade intra e interorganizacional, menor disposição para alterações de estatuto, maior procura de estabilidade das suas posições e maior preocupação com o futuro, por parte dos indivíduos. 4. Por fim, e na fase de declínio, acentua-se um desinvestimento na carreira profissional e uma maior preocupação com a futura transição para a reforma, mas verifica-se uma maior satisfação com o trabalho que resulta da forma como os indivíduos aprenderam a lidar com a conciliação trabalho-família ao longo da sua vida.

Esta teoria de desenvolvimento de carreiras explica, de facto, a evolução dos indivíduos nas suas trajectórias ocupacionais, mas os ciclos de desenvolvimento profissional diferem consoante as ocupações profissionais, levando a que sejam mais continuados ao longo do tempo no caso de funções mais qualificadas (Duarte & Lopes, 2010).

⁷ Como motivações extrínsecas entenda-se recompensas, pressões, imposições de metas temporais que fazem desenvolver no indivíduo uma percepção de causalidade externa.

⁸ As motivações intrínsecas estão relacionadas com a aprendizagem, a obtenção de especialização, o interesse pelas actividades que se empreendem, e são vistas como uma das maiores fontes de satisfação na vida, relacionando-se com a maior autonomia percebida pelos indivíduos.

4.6. Considerações finais do capítulo

Neste capítulo falámos sobre o jovem enquanto ser social e experimentador de novas experiências nesta sua precoce fase de vida e sobre a importância que a vida privada de cada um tem para a (re)formulação dos seus cursos de vida.

Continuando nessa mesma direção, descrevemos sumariamente as análises sociológicas acerca das transições e trajetórias variadas que o curso de vida dos jovens pode ter, de acordo com vários fatores sociais, pessoais, profissionais, culturais, económicos, etc.

Por último, abordamos o conceito de carreira mais aprofundadamente analisando-o em comparação com o de desenvolvimento individual do indivíduo. Isto permitiu perceber quais as motivações que podem existir tendo em conta determinados tipos de profissões.

PARTE II – TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA DA PARTE PRÁTICA

5.1. Introdução

Uma vez realizada a primeira parte deste trabalho, que constitui a parte do enquadramento teórico e tem como objetivo fornecer as ferramentas necessárias para a realização da investigação de campo, revela-se agora importante referir a metodologia usada para a consecução dos objetivos previamente traçados e definidos.

Neste capítulo irão ser especificados os métodos e técnicas usadas na análise dos dados obtidos. Assim, iremos referir inicialmente a metodologia utilizada no trabalho de investigação e de seguida serão referidos os procedimentos e técnicas para a obtenção da informação, abordando as entrevistas, a caracterização do universo de análise, e por fim, os meios utilizados.

5.2. Metodologia do Trabalho de Investigação

Visto que este trabalho de investigação tem na sua génese um problema de partida que se desdobrou em hipóteses formuladas às quais se procura obter as respostas foi utilizado, nesta parte prática, o método inquisitivo⁹ como método de recolha de dados e informação.

O método inquisitivo foi realizado recorrendo a interrogatório oral, através da aplicação de entrevistas semidirigidas.

⁹ Segundo Sarmiento (2008) “é baseado no interrogatório escrito ou oral.”

5.3. Procedimentos e Técnicas

De acordo com a temática e os objetivos deste trabalho, o processo de investigação iniciou-se com a “recolha sistemática da informação” (Guerra, 2010), sobretudo com a análise de documentos, livros e legislação própria da GNR. Esta pesquisa exploratória foi efetuada essencialmente em bibliotecas: bibliotecas institucionais, como a da Academia Militar, da Escola da Guarda (EG), e do Instituto Superior de Ciências Policiais e de Segurança Interna (ISCPSI); bibliotecas municipais, como a de Cantanhede e de Coimbra; e de Estabelecimentos de Ensino Superior, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL), na Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC). Houve também alguma pesquisa de artigos on-line, dada a facilidade que existe de acesso à informação, com vista a levar a cabo uma pesquisa mais organizada nas bibliotecas dos estabelecimentos de Ensino Superior. De referir que, como fundamento desta recolha, procurou-se constantemente “...a correspondência entre o campo coberto pelos documentos disponíveis e o campo de análise da investigação” (Quivy & Campenhoudt, 2008). De acordo com o mesmo autor, procurou-se que os métodos de recolha e os métodos de análise dos dados fossem complementares e recolhidos em conjunto, em função dos objetivos e das hipóteses de trabalho. Para este efeito, considerou-se que nem todos os resultados obtidos são qualificáveis e derivado disto, o seu tratamento ser feito qualitativamente mas de acordo com uma abordagem cientificamente correta.

Assim, o processo de recolha de dados que foi escolhido para a elaboração desta investigação foram as entrevistas semidirigidas a uma amostra previamente definida.

5.3.1 Entrevistas

No que diz respeito às entrevistas, foram realizadas 10 entrevistas semidirigidas e presencialmente, entre os dias 14 e 18 de Maio de 2012, aos alunos do 12º ano da Escola Secundária de Cantanhede, demorando cada uma delas, entre 18 a 25 minutos.

Este tipo de entrevista caracteriza-se por “...deixar andar o entrevistado para que possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier” (Quivy & Campenhoudt, 2008). Não é completamente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas fixas e precisas, mas o entrevistador dispõe de uma série de perguntas

guia, relativamente abertas sobre as quais é relevante receber a informação por parte do entrevistado. Assim, a entrevista seguiu um guião¹⁰ previamente elaborado, com base nas questões derivadas do problema central, direcionado para as hipóteses levantadas durante a investigação, em que os entrevistados responderam livremente às questões lançadas.

As entrevistas foram então marcadas previamente após contacto com os órgãos de direção da ESC via telefone e via e-mail. Para complementar este contacto prévio com a escola, houve a marcação de uma reunião presencial com os ditos órgãos de direção para que houvesse assim a marcação das datas em concreto e também para se fazer a apresentação do tema e do que se pretendia, explicando à diretora e sub-diretor da ESC o objeto de estudo e o porquê da escolha específica do universo de análise.

Após a elaboração e transcrição destas, foi feita a análise qualitativa das mesmas, através da elaboração de quadros síntese de conteúdos que permitem ter a perceção das ideias defendidas e dadas pelos entrevistados. Estes quadros são entendidos por Guerra (2010), como sinopses, que são “...sínteses do discurso, que contém a mensagem essencial da entrevista e são fiéis, inclusive na linguagem, ao que disseram os entrevistados. Trata-se, portanto, de material descritivo que, atentamente lido e sintetizado, identifica as temáticas e as problemáticas”

5.3.2. Caracterização do Universo de Análise

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2008), existem três modos de escolha da amostra: estudar a totalidade da população, estudar uma amostra representativa da população e por último, estudar componentes não estritamente representativas, mas características da população. Devido ao facto de se pretender fazer uma análise qualitativa, procurou-se “...a diversidade e não a homogeneidade, de modo a garantir que a investigação abordasse a realidade, considerando as variações necessárias que é preciso assegurar aquando da presença da diversidade dos sujeitos ou das situações de estudo...” (Guerra, 2010).

Assim, optou-se pela terceira hipótese enunciada por Quivy e Campenhoudt (2008), na escolha da amostra. Isto porque o pretendido era entrevistar e saber a opinião concreta

¹⁰ Ver Apêndice A - Guião da Entrevista

de jovens que frequentam o 12º ano e estão prestes a ingressar no Ensino Superior ou ser inseridos no mercado de trabalho.

Esta escolha dos jovens do 12º ano foi feita aleatoriamente e ao acaso de acordo com: as turmas existentes do 12º ano na referida escola, a disponibilidade demonstrada pelos diretores de turma e o carácter voluntário que prontamente alguns alunos demonstraram para dar o seu contributo e apoio à investigação No Quadro 14 - Caraterização da Amostra¹¹, é apresentada a caraterização dos entrevistados.

Escolheu-se então a ESC, do distrito de Coimbra, que fica situada na área de responsabilidade da GNR.

De referir ainda, que este processo acima referido da aplicação e execução das entrevistas propriamente ditas, foi um processo que teve como base e peça fundamental a colaboração dos órgãos de direcção da ESC em disponibilizar o apoio necessário na recolha dos dados pretendidos.

5.3.3. Meios Utilizados

Como meios usados na elaboração e mais concretamente para a gravação das entrevistas, foi utilizado o gravador Philips Voice-Tracer-lfh0612

5.4. Considerações Finais do Capítulo

No presente capítulo foi então enunciada a metodologia e os procedimentos empregues na investigação. Para isto foram enunciadas e explicadas especificamente as técnicas que foram usadas na realização e análise das entrevistas, o critério de escolha da amostra e sua caraterização e ainda a enunciação dos meios usados na investigação.

¹¹ Ver Apêndice B - Caraterização da Amostra

CAPÍTULO 6

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1. Introdução

No capítulo precedente foram abordadas as técnicas metodológicas para a elaboração deste trabalho de investigação e agora, neste capítulo, serão apresentados os resultados e discussão das entrevistas realizadas. Para tal, foram elaborados aquilo a que chamamos quadros-síntese das respostas dadas pelos entrevistados (E) para uma melhor comparação, análise e discussão dos resultados e respostas dadas por estes.

6.2. Análise qualitativa das Entrevistas

A análise dos dados das entrevistas foi feita a partir da elaboração de quadros-síntese das respostas dadas pelos entrevistados. A respetiva análise de conteúdos foi feita de forma qualitativa.

6.2.1. Análise de Conteúdo à Questão 1

Quadro n.º 1 - Resposta à Questão 1

Questão 1 - Alguma vez ponderaste ser polícia? Se sim, em que Força de Segurança, na GNR ou na PSP?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“...nunca ponderei isso (o ingresso numa Força de Segurança).”
E2	“Não, nunca ponderei essa hipótese.”
E3	“Sim, ponderei. Sempre tive como uma opção para mim o ingresso ou na GNR ou no Exército.”
E4	“Já. Na GNR. Hoje em dia a minha primeira opção é concorrer para o Exército, mas se não conseguir tento para a GNR.”
E5	“Sim, mas ao longo do tempo fui abandonando essa possibilidade. (...) Como tenho familiares na polícia sei que não é fácil a vida de polícia porque não se tem grande disponibilidade para estar com a família...”
E6	Já, (...) tenho um padrinho que é PSP, faz-me pensar nisso. (...) Mas agora não coloco como uma opção.”
E7	“Sim, na GNR porque tenho familiares nessa Força de Segurança.”
E8	“Sim, já. Acho interessante o trabalho que desenvolvem. Se não conseguir na área do Desporto, vou concorrer nos próximos concursos que abrirem, quer à PSP quer à GNR.”
E9	“Não.”
E10	“Não, nunca ponderei pois acho que não é uma profissão que se adequa à minha personalidade.”

Com a elaboração da questão nº1 pretende-se saber qual a possibilidade de os jovens, em alguma fase das suas vidas, terem pensado em concorrer aos variados cursos de ingresso nas Forças de Segurança ou mesmo pertencer, ainda que temporariamente, a estas.

Com a análise ao Quadro 1, verificou-se que há jovens (cerca de 40%) que não hesitam em responder negativamente a esta questão, não tendo colocado sequer como uma opção, mesmo que remota, a possibilidade de concorrer.

Verificou-se que a maior parte dos jovens (os restantes 60%) já pensaram nesta possibilidade. Destes 60% que já pensaram nesta hipótese, 40% pensaram nisso como uma forte possibilidade para os seus futuros, e dizem mesmo que irão concorrer para a GNR, PSP, ou até mesmo para o Exército. Os restantes 20%, entre os que ponderaram vir a fazer parte de uma Força de Segurança, dizem que ao longo do tempo abandonaram essa possibilidade.

6.2.2. Análise de Conteúdo à Questão 2

Quadro n.º 2 - Resposta à Questão 2

Questão 2 - As Forças de Segurança representam para ti uma carreira possível a seguir? Se sim, porquê?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Não.”
E2	“É algo que não coloco totalmente de parte mas não me chama a atenção.”
E3	“Sim, quero mesmo fazer carreira na GNR. Isto porque é algo que realmente gosto, depois porque a nível de pagamento é algo que é seguro e tem também regalias que outros empregos não têm.”
E4	“Sim representam. Se eu chegar a entrar, o meu objectivo é ficar e fazer carreira lá.”
E5	“... será difícil porque já estou encarreirado na parte artística e pretendo mesmo seguir arquitetura.”
E6	“Nunca se sabe o dia de amanhã e como tal, não é algo que coloque de todo de parte. Nunca se sabe.”
E7	“Sim. Apesar de ter como primeira opção o desporto, se não conseguir, pretendo ingressar em uma Força de Segurança ou para o Exército e fazer lá carreira. (...) porque é um ramo que temos emprego certo e também porque me atrai.”
E8	“Sim. Gostava porque é algo que gosto mesmo e acho que seria um trabalho muito aliciante.”
E9	“Não.”
E10	“Não, porque não é uma carreira que se adequa a mim,”

Esta questão foi elaborada com a finalidade de perceber se haveria muitos jovens a ponderar construir a sua carreira nas Forças de Segurança.

Verificou-se, de acordo com o enunciado no Quadro 2, que apenas uma diminuta parte dos entrevistados colocam totalmente de parte essa possibilidade.

A maior parte não afasta a possibilidade. Cerca de metade destes, explicam que isto não representa a sua primeira prioridade, mas não colocam de parte esta possibilidade porque a encaram como uma segunda opção em termos de futuro para eles; a outra metade, admite que quer e tem como objetivo principal construir carreira como membro das Forças de Segurança.

Este conjunto de jovens entrevistados que demonstra de facto vontade e um verdadeiro desejo de ingressar e fazer a sua carreira numa Força de Segurança, revela ainda grande entusiasmo, determinação e empenho em prol da consecução do seu objetivo. Dois deles adiantam que poderiam concorrer e tentar ingressar nas Forças de Segurança no presente ano. Isto é explicado e defendido pelo autor supracitado Michael Arthur (2008), que refere como muito importante, nesta fase da vida dos jovens na qual atravessam um fulcral desenvolvimento individual, as decisões que tomam sobre as suas carreiras.

6.2.3. Análise de Conteúdo à Questão 3

Quadro n.º 3 - Respostas à Questão 3

Questão 3 - Tens algum conhecimento sobre as categorias profissionais em termos de postos/classes/hierarquias das Forças de Segurança?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Não faço a mínima ideia. Gostava de saber, mas não sei.”
E2	“... Sei que existem os soldados, vários tipos de cabos e depois vêm os sargentos. Tenho alguma noção apenas.”
E3	“Sim tenho minimamente por ser parecido com o Exército. Sei que existem os soldados/praças, depois os sargentos e oficiais.”
E4	“Assim vagamente, mais ou menos. No Exército é praças, sargentos e oficiais.”
E5	“Sim, como tenho familiares que fazem parte, tenho uma ideia. Sei que o comandante da esquadra pode ser o subcomissário ou comissário. O subcomissário é abaixo do comissário, e depois tem o maior mas não sei dizer qual é.”
E6	“Há os sargentos, coronel e comandante. Não tenho mais conhecimentos de mais alguns.”
E7	“... sei que há sargentos e capitães. Depois há os mais baixos que são os recrutas ou soldados (...) Tenho algum conhecimento sobre isto porque fui ao dia da Defesa Nacional há pouco tempo.”
E8	“... tenho apenas uma vaga ideia. Sei que há os soldados e praças e depois sargentos...”
E9	“Não, não tenho.”
E10	“Não.”

Nesta questão pretendeu-se saber se os jovens têm algum conhecimento sobre a hierarquia existente nas Forças de Segurança. Revelou-se importante na medida em que, a partir das respostas dos entrevistados, se consegue perceber se eles de facto se interessam por ter algum conhecimento e saber algo mais sobre as Forças de Segurança.

De acordo com a análise feita ao Quadro 3, verificou-se que a maior parte dos jovens tem alguma noção e sabe, ainda que minimamente, enunciar alguns(mas) dos postos ou classes existentes. Destes, revela-se interessante explicar o facto de serem os jovens que têm familiares ou conhecem alguém que é militar ou é membro da Polícia os que têm mais conhecimentos e conhecimentos mais precisos sobre este universo; além disso, estes mesmos jovens são quem mais enuncia ter vontade de concorrer a uma Força de Segurança.

A restante parte dos jovens admite não ter conhecimento algum sobre o questionado. Aqui, é de ressaltar um aspeto que se pode revelar importante. Estes entrevistados que não têm qualquer conhecimento, são os entrevistados do sexo feminino, o que nos pode revelar que eventualmente se interessam menos por esta temática. Não obstante, pode apenas querer dizer e ser um indicador, de que como não é uma

possibilidade futura que eles ponderam, nesse sentido interessam-se um pouco menos pelo assunto.

6.2.4. Análise de Conteúdo à Questão 4

Quadro n.º 4 - Respostas à Questão 4

Questão 4 - Vês-te a ti próprio a usar uma farda? Alguma vez pensaste nisso?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Não, nunca imaginei.”
E2	“Não, não gosto muito. Não me transmite uma sensação de liberdade porque é uma coisa oficial, algo convencional. Teria de ter uma posição mais formal em serviço com a farda vestida e mesmo fora dele.”
E3	“Sim vejo e idealizo. É algo que já tinha pensado. Penso que é um forte factor de respeito.”
E4	“Sim vejo. É algo que já pensei e sim pondero porque representa respeito.”
E5	“Sim. Mas penso que neste momento em Portugal (...) não mostra aquela imagem que mostrava antes. (...) pelo que o meu pai dizia, o facto de vestir uma farda impunha muito mais respeito e hoje em dia isso perdeu-se. (...) preferia pertencer ao departamento de investigação criminal (...) sem usar a farda. Se ingressa-se teria de acabar por vestir, mas não é algo q faça parte dos meus planos.”
E6	“Não por acaso não. Nunca me imaginei nem consigo imaginar como seria.”
E7	“Sim vejo (...) já fiz parte dos bombeiros. Acho que é algo que trás uma responsabilidade acrescida.”
E8	“Nunca pensei nisso.”
E9	“Não, nunca pensei muito nisso.”
E10	“Uma farda da PSP ou da GNR não, acho que é uma responsabilidade muito grande.”

Nesta questão, para além de querermos saber se os jovens vestiriam uma farda, pretendeu-se analisar a maneira como os jovens olham, encaram e interpretam o símbolo da farda de um membro das Forças de Segurança.

Verificou-se a partir da análise ao Quadro 4, que a grande parte destes jovens entrevistados não se via nem idealizava a vestir uma farda, ou por nunca ter simplesmente pensado nisso ou por acharem que é algo que acabaria por acarretar responsabilidades adicionais nas suas vidas.

Os jovens que, de alguma maneira, já tinham pensado nesta questão, coincidem com os jovens que nas perguntas anteriores nos referem que pretendem concorrer e fazer uma carreira nas Forças de Segurança.

Com esta questão podemos então perceber que, mesmo apesar de alguns jovens nunca terem imaginado o facto de poderem vir a vestir uma farda e nem admitirem isso

como uma possibilidade, grande parte deles tem alguma noção da importância de vestir uma farda, da sua representatividade e da sua simbologia.

6.2.5. Análise de Conteúdo à Questão 5

Quadro n.º 5 - Respostas à Questão 5

Questão 5 - Vês-te a ter responsabilidades policiais? Como imaginas que será o trabalho realizado pela polícia? O que achas que farias se fosses polícia?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Sim, consigo ver-me a ter responsabilidades. Há os que têm o trabalho mais parado e os que têm o trabalho mais activo, por assim dizer. Se eu fosse polícia gostaria e preferia fazer a parte do trabalho mais calminho.”
E2	“Sim, acho que me consigo ver a ter algumas responsabilidades policiais. O trabalho realizado pelas Forças de Segurança imagino que seja algo feito com muita disciplina e rigor. (...) sem ser muito especializado. Por exemplo, quando há uma queixa, um roubo ou esses casos que não requerem grande especialização, a quem se recorre é à GNR. Depois há também aquelas brigadas especializadas para os sequestros e assim. Não sei o que faria, mas penso que também teria de ficar no escritório por vezes.”
E3	“Sim, vejo-me a ter uma responsabilidade adicional por ser uma Força de Segurança e termos de representar o nosso país (...) e cumprir a nossa missão. Penso que será um trabalho efectuado tendo em vista o estabelecimento da ordem do país e efectuar patrulhamentos. Têm também outras missões a nível de trânsito e também no âmbito das florestas. Eu (...) gostaria mais de estar na área do trânsito e efectuaria também patrulhamentos e fiscalizações. Eu penso que acima de tudo tem de haver bom senso e flexibilidade, e é assim que as coisas se levam a bom porto.”
E4	“Vejo. Penso que conseguiria cumprir a minha missão enquanto membro (...) É um trabalho que acarreta grande responsabilidade e é muito importante para a sociedade. É através dessa função que há segurança e podemos ajudar as outras pessoas. Agiria sempre em prol do bem comum. Eu acho que iria sem uma pessoa bastante acessível e iria falar e interagir com as pessoas, sempre cumprindo com as minhas missões.”
E5	“Sim vejo. Penso que tenho uma personalidade bastante forte e conseguia enquadrar-me bem na vida de polícia. Neste momento penso que o trabalho da polícia deveria ser menos flexível, (...) não há respeito por eles. Acho que o trabalho da polícia deveria ser mais rígido. Se eu visse algum ilícito iria autuar essas pessoas (...) porque muitas vezes, os polícias passam junto a rapazes que têm droga e fazem de conta que não vêem.”
E6	“Vejo. (...) claro que conseguiria ver-me a exercer funções policiais. Imagino que o trabalho não deve ser nada fácil (...). Eu se fosse polícia e se ingressasse nesta carreira, queria pertencer ao Grupo de Operações Especiais porque tem mais ação. O que eu faria não sei, só no momento saberia.”
E7	“Sim vejo. Penso que deve ser um trabalho organizado e deve sempre visar o bem-estar do povo. Eu gostava de fazer parte dos Núcleos de Investigação Criminal e penso que iria manter a ordem e cumpriria o meu trabalho.”
E8	“Sim vejo porque sou uma pessoa responsável, e uma pessoa que não seja responsável, não pode executar quaisquer funções policiais. (...) Não tenho ideia do que eu faria, mas penso que iria tentar cumprir a minha missão e tentar manter a ordem.”
E9	“Não me imagino a ter responsabilidades policiais, imagino este trabalho, como um trabalho de grande responsabilidade, se exerce-se esta profissão tentaria sempre fazer o melhor para a sociedade.”
E10	“Não me vejo a ter responsabilidades policiais. (...) é um trabalho que deve de ser feito com muita responsabilidade e coragem. Nunca pensei em ser polícia por isso nunca pensei no que faria se fosse polícia.”

Nesta quinta questão pretende-se saber e analisar três variáveis em concreto: se os jovens se vêem a ter responsabilidades policiais, como imaginam e idealizam que será o trabalho realizado pelas Forças de Segurança e o que pensam que fariam se fossem membros de alguma delas. Para além destas variáveis que se revelam mais claras na análise desta questão, pretendemos explorar e tentar compreender o que eles percebem sobre as Forças de Segurança, desta feita, em termos de trabalho e função propriamente ditos, e de que modo o percebem. Revela-se então importante separar esta questão aqui tratada no Quadro 5, e analisá-la isoladamente visto englobar três interrogações mais pequenas.

Em relação à primeira parte da questão “Vês-te a ter responsabilidades policiais?”, verificamos que apenas uma pequena parte dos entrevistados, coloca de parte a possibilidade de algum dia nas suas vidas poderem vir a ter responsabilidades policiais ou imaginarem sequer esse facto. A grande parte refere que se imagina a ter responsabilidades policiais. De ressaltar aqui que, aproximadamente metade destes jovens que responderam afirmativamente a esta questão, fizeram-no de uma forma muito convicta e adiantam ainda como motivos para isso o facto de terem uma forte personalidade, serem responsáveis e terem o sentimento de cumprimento do dever.

Com a análise à segunda parte da questão “Como imaginas que será o trabalho realizado pela polícia?”, verifica-se que quase a maioria dos jovens tem uma noção muito realista daquilo que está por trás do trabalho que as Forças de Segurança realizam, porque verificamos que uma grande parte enuncia este tipo de trabalho como sendo muito rigoroso, implicando grande responsabilidade, e visando sempre a ordem pública, a segurança e o bem-estar dos cidadãos.

As respostas à terceira parte da questão “O que achas que farias se fosses polícia?”, revelam-se muito coerentes e objetivas porque a grande parte dos jovens revela o sentido do dever e cumprimento da missão como aspetos muito importantes na função de polícia.

Pode-se concluir então, que existe algo de muito positivo nesta análise. Isto prende-se com o facto dos jovens entrevistados já terem uma opinião muito aproximada da realidade e muito objetiva sobre o trabalho das Forças de Segurança. Tal pode dever-se ao facto de terem familiares que os sensibilizam para estas questões ou pode estar ligado também à questão de muitos mostrarem algum interesse em prosseguir carreira nesta profissão.

6.2.6. Análise de Conteúdo à Questão 6

Quadro n.º 6 - Respostas à Questão 6

Questão 6 - O que te atrai mais nas Forças de Segurança? O que gostas especialmente na imagem dos polícias, o que te fascina mais?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Acho que são pessoas grandes, normalmente. Há uns que têm um pouco o ar de maus mas outros não. Eu penso que é o facto de fazerem sentir as pessoas seguras, saber que há alguém que (...) nos ajuda, é saudável, é seguro e bom para nós. O facto de impor respeito.”
E2	“O que gosto mais é a autoridade que eles têm de ter.”
E3	“O respeito que um militar na área da segurança impõe na sociedade.”
E4	“A sua seriedade, a postura e o facto de ter uma função importante.”
E5	“... é o respeito q eles impõem. A mim, um militar da Guarda ou um agente da Polícia, transmite-me respeito e é o que mais me atrai.”
E6	“... em militares e agentes das forças de intervenção, gosto das fardas e da postura.”
E7	“A farda, porque acho que representa respeito.”
E8	“A farda, o símbolo que ela representa e a autoridade.”
E9	“O respeito que impõem perante a sociedade.”
E10	“O respeito que impõem.”

Com esta questão para além de procurarmos saber apenas o que eles gostam e os atrai fisicamente ao olhar para um membro de uma Força de Segurança, pretende-se saber a forma como idealizam e pensam que será efetivamente um membro destas forças.

É então facilmente verificável através da análise do Quadro 6, que quase a totalidade dos entrevistados, ao olhar para um membro de uma Força de Segurança, sente que são pessoas que impõem respeito e representam alguma autoridade. Visto isto, percebemos rapidamente que os entrevistados têm já a capacidade de não percecionarem unicamente aspetos físicos, dando muito mais ênfase a outros aspetos, como as sensações e sentimentos que vivenciam, o que se revela bastante positivo de acordo com Alves (2011) para que o sentimento de confiança que nutrem em relação às Forças de Segurança seja reforçado servindo este como a base da legitimidade das ações destas.

Um factor a ter em conta na análise a esta questão, é o facto de alguns jovens apontarem a farda e a postura de alguns militares, nomeadamente da intervenção, como aspeto de atracção e motivação principal. Estes jovens, estarão eventualmente mais ligados ou têm mais interesse por esta valência das Forças de Segurança, ou então, foram marcados por algum acontecimento que tenham presenciado.

6.2.7. Análise de Conteúdo à Questão 7

Quadro n.º 7 - Respostas à Questão 7

Questão 7 - O que mais te repugna nas Forças de Segurança? O que não gostas na imagem dos polícias?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“... às vezes quando há manifestações eles são um pouco violentos demais e não há necessidade. Penso que pelo facto de serem polícias alguns acham que podem fazer tudo, exageram e descontrolam-se (...) Ou seja, más actuações é o que menos me agrada na imagem dos polícias.”
E2	“O que menos gosto são as obrigações e a disciplina que se tem de ter. Por exemplo ter de passar pela escola militar.”
E3	“Não gosto de ver as notícias (...) sobre militares que são corruptos. O que não gosto é o facto de alguns estarem um pouco gordos. Acho que devem trabalhar o seu físico.”
E4	“Não há nada que tenha a referir.”
E5	“É de serem pacíficos. É de extremos porque (...) tanto podem ser muito calmos como podem usar força excessiva. (...) Partir logo para a violência só mostra uma má imagem.”
E6	“Não desgosto de nada em específico mas algo que me desagrade é ver aqueles polícias que se sabe que não fazem nada pela postura ou atitudes que têm.”
E7	“O facto de várias vezes fazerem uso excessivo da força e agirem sem pensar. E de várias vezes pensarem que por vestirem uma farda, estão acima dos outros.”
E8	“Não há nada em concreto que não me agrade.”
E9	“O facto de alguns membros da polícia se aproveitarem do seu poder perante a sociedade.”
E10	“Nada em concreto.”

Um pouco à semelhança da questão anterior, pretendemos aqui saber e perceber o que os entrevistados idealizam e pensam que será efetivamente um membro destas forças, mas desta vez, negativamente.

Na análise a esta questão aqui enunciada no Quadro 7, é de destacar que uma boa parte dos jovens não acha correto e não gosta do facto de muitas vezes verem ou terem conhecimento de que alguns membros das Forças de Segurança fazem uma aplicação menos correta da força em determinadas alturas. Consequentemente, ligam isto ao facto de ocorrer um abuso de poder por parte deles.

Um dos entrevistados, refere um aspeto físico, nomeadamente o excesso de peso, como o que menos lhe agrada ao olhar para um membro das Forças de Segurança, o que nos revela mais uma vez, que os jovens já percecionam estes assuntos de uma maneira mais profunda e preocupada.

6.2.8. Análise de Conteúdo à Questão 8

Quadro n.º 8 - Respostas à Questão 8

Questão 8 - Já alguma vez tiveste algum contacto direto com as Forças de Segurança? Podes contar os episódios? O que concluis-te?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Já. (...) Não gostei, não fizeram nada e não percebi a situação, nem pediram para descrever a pessoa e só perguntaram onde vivia ...”
E2	“Já (...) Verifiquei alguma inflexibilidade e uma posição um bocado não compreensiva e pouco flexível. Também já tive acções de sensibilização aqui na escola sobre prevenção rodoviária e acho que foi útil.”
E3	“Fui fiscalizado (...) Fui mal tratado, não me respeitaram e nem sequer se identificaram (...) tinham era um colete preto a dizer GNR nas costas. Não houve bom senso (...), o Guarda deveria estar com pressa para ir para casa, tratou mal as pessoas.”
E4	“Apenas assisti a algumas demonstrações e palestras sobre vários temas. (...) Concluí que a GNR abrange grandes valências e acho que estas sensibilizações são bastante importantes porque muitas pessoas não têm noção do que a GNR faz para além do patrulhamento normal diário. Consegui ficar a conhecer um pouco melhor a GNR.”
E5	“Já, quando perdi a minha carteira. (...) gostei da atitude deles porque foram sinceros. (...) Senti-me muito mais seguro sabendo que eles estavam lá para fiscalizar as pessoas e tomar conta de eventuais casos de drogas. Também já assisti a palestras e sensibilizações aqui na escola, dadas pela GNR e PSP (...) Acho que esse tipo de acções não deveriam ser anunciadas (...) Acho que se aparecessem aí de surpresa, não a fazer uma rusga, mas só demonstração, eles (rapazes com droga) ficavam mais receosos e com mais medo.”
E6	“Já. As palestras foram sobre drogas mas para mim não serviu de muito (...), mas para os meus colegas provavelmente foi bastante útil. Já fui abordado várias vezes pelo Núcleo de Investigação Criminal (...). Comigo, umas vezes, já agiram bastante calmamente e outra vez, nem por isso.”
E7	“Já assisti a ações de sensibilização aqui na escola. Sobre drogas e sobre álcool e foram bastante úteis porque havia coisas que eu não fazia a mínima ideia que existiam. Também já fui alvo de várias fiscalizações rodoviárias e a actuação deles foi sempre normal.”
E8	“Já fiz uma visita, com a escola, ao Posto da GNR.”
E9	“Não.”
E10	“Não, nunca tive.”

Na análise às respostas desta questão pretendeu-se, mais uma vez, perceber como os jovens percecionam e formulam as suas opiniões sobre as Forças de Segurança, através do mecanismo de análise de eventuais episódios e/ou situações em que tenham falado ou tenham interagido diretamente com os membros destas.

Visto isto e de acordo com a análise ao Quadro 8, apenas dois dos entrevistados revelam nunca terem tido qualquer tipo de contacto direto com as Forças de Segurança, logo, não nos puderam adiantar qualquer opinião sobre elas.

Verificou-se que quase a totalidade dos entrevistados já contactaram de perto com estas forças. Destes, uma pequena parte revela que o contacto que teve com estas influenciou-os negativamente para a formulação das suas opiniões. Isto, explicam, sucedeu

porque a atuação destas forças foi menos bem conseguida, o que fez com que ficassem menos agradados e formulassem estas suas opiniões menos positivas. A grande parte dos jovens que já teve contacto com estas forças, porém partilha de um sentimento de satisfação em relação ao que no seu conjunto verificaram quando tiveram este contacto, o que se revela importante, tal como foi verificado no subcapítulo 3.3 deste trabalho, para o aumento da confiança, apoio e aceitação em relação ao trabalho realizado pelas Forças de Segurança.

Há que destacar positivamente uma questão, que é o facto de se ter verificado que uma boa parte dos jovens referiu-se a palestras e ações de sensibilização que tinham assistido, dadas pelos membros das Forças de Segurança. Revelam portanto, que este tipo de ações são muito importantes e úteis, tanto para ficarem a conhecer melhor a orgânica e funcionamento das instituições, como para adquirir um conjunto de conhecimentos importantes que muitas vezes não têm ou não teriam se não assistissem a este tipo de ações.

6.2.9. Análise de Conteúdo à Questão 9

Quadro n.º 9 - Respostas à Questão 9

Questão 9 - Alguma vez presenciaste alguma atuação policial? Se sim, qual, de que tipo? O que conclus-te dessa atuação?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Não. (...) não me lembro.”
E2	“Não.”
E3	“Acho que não.”
E4	“Não.”
E5	“Já. (...) essa actuação foi bem conseguida porque aquilo foi muito rápido e de surpresa. (...) por vezes os Polícias deveriam ter mais certeza naquilo que fazem porque às vezes parece que agem com medo de terem algum tipo de consequências.”
E6	“Sim. (...) Foi bastante correcta a atuação, na minha opinião porque apenas disseram para o pessoal sair do local e resolveram a situação sem ter sido preciso fazer o uso da força. Acho que foi uma boa atuação.”
E7	“Sim. Foi quando tive um acidente de carro. Demoraram a chegar ao local mas em termos de actuação não tenho nada a dizer de negativo.”
E8	“Não, nunca.”
E9	“Não.”
E10	“Não.”

Nesta questão pretendeu-se, mais uma vez, perceber como os jovens percecionam as Forças de Segurança, desta feita, através da análise de eventuais atuações policiais, sejam elas de qualquer cariz, que tenham presenciado.

Assim, da análise ao Quadro 9, percebeu-se que a grande parte dos entrevistados não presenciou até à data, nenhuma ação ou intervenção policial.

Apenas três entrevistados presenciaram algum tipo de atuação policial. Destes, podemos retirar que o facto de terem presenciado tal ação, serviu para formularem uma opinião favorável acerca das Forças de Segurança, porque partilham da opinião que a ação que viram foi bem conseguida e positiva.

É de ressaltar o facto de um dos entrevistados referir que, na sua opinião, alguns membros das Forças de Segurança, agem sem terem a certeza e talvez com um pouco de receio daquilo que querem e vão fazer. Isto pode evidenciar o facto de que os jovens, como já foi referido na análise a outra questão, começam a ter uma opinião muito realista e objetiva daquilo que observam e julgam sobre estas forças. Isto pode derivar de vários motivos, como por exemplo, o facto de terem familiares ou conhecidos que sejam membros destas forças ou, por sua vez, por revelarem um espírito já bastante crítico e analítico. Não obstante, qualquer que seja o motivo, torna-se muito importante esta análise feita por estes jovens porque transmite-nos que de facto as camadas mais jovens já se interessam verdadeiramente e têm uma perspetiva muito realista e objetiva sobre as Forças de Segurança que servem os cidadãos.

6.2.10. Análise de Conteúdo à Questão 10

Quadro n.º 10 - Respostas à Questão 10

Questão 10 - Gostas de ver filmes ou séries policiais? Dá exemplos do que gostas? Do que mais gostas, em particular?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Gosto. As séries Ossos, CSI e Investigação Criminal. (...) gosto e sinto curiosidade ao ver o modo como eles solucionam os problemas e os casos que têm.”
E2	“Gosto, mas os policiais não são a minha primeira opção. (...) semelhança com o que acontece na realidade.”
E3	“Sim. Vejo o CSI, o Cops, Mentos Criminosas e Investigação Criminal. (...) tem bastantes coisas sobre investigação e aprende-se muito a nível de cultura geral e é uma informação que pode ser útil para a minha vida profissional.”
E4	“Gosto e costumo ver o CSI e a Investigação Criminal. (...) as técnicas de investigação, recolha de provas, a tecnologia e esse género de coisas me interessam e gosto.”
E5	“Sim. Vejo o CS. (...) metade é fantasia. Mas gosto do que fazem (...) para chegarem ao caso e à sua resolução, porque dão dicas importantes para, por exemplo se daqui a uns anos eu ingressar na polícia, eu ter em conta e não me escaparem alguns pormenores.”
E6	“Sim e vejo. Vejo a série Investigação Criminal e CSI. Gosto de ver aquela tecnologia (...) e ver como de pormenores chegam a conclusões de casos muito importantes. Gosto também da ação.”
E7	“Sim, gosto. Vejo o Inspetor Max, o CSI e o Ossos. (...) gosto de ver a forma como eles resolvem os casos que surgem. Pode não ser assim na realidade, mas na maioria das vezes têm que seguir como que um labirinto ao qual têm de chegar ao fim, para chegarem à resolução dos casos.”
E8	“Sim, gosto de ver as séries CSI e Investigação Criminal. (...) o facto de como fazem as análises e estudam os locais dos crimes para tentar chegar aos culpados pelos crimes.”
E9	“Sim, CSI. Gosto de praticamente tudo.”
E10	“Não gosto de ver filmes ou séries policiais.”

Nesta questão pretendeu-se que os jovens nos transmitissem as suas opiniões sobre séries ou filmes policiais que assistem. O nosso objetivo de análise visa, então, perceber se os jovens olham para as Forças de Segurança e conseguem perceber com algum realismo e objetividade o trabalho por elas desempenhado.

Percebeu-se através da elaboração do Quadro 10, que a quase totalidade dos jovens gosta de ver filmes ou séries que se debrucem sobre temáticas policiais.

Facilmente se percebe que os jovens que visionam este género de filmes ou séries o fazem porque se interessam e acham curioso a forma como são solucionados os casos que surgem. A grande maioria refere que o que mais gosta em particular é a maneira como nos filmes e séries se seguem as pistas e as “pisadas” dos autores do crime, para chegar à resolução dos crimes. Alguns referem como aspeto de destaque, a tecnologia e técnicas utilizadas para se obter a identificação dos indivíduos ou fazer a recolha de provas.

Nesta altura importa salientar que, apesar de ser uma minoria, alguns dos jovens entrevistados refere ter noção que parte do que vê neste género de filmes ou séries ser pura ficção e não corresponder à realidade dos dias de hoje. Revela-se assim, mais uma vez, que apesar de poucos, estes têm noção e realmente se interessam por estas temáticas, tendo uma opinião bastante próxima da realidade sobre as Forças de Segurança e sobre o trabalho que realizam.

6.2.11. Análise de Conteúdo à Questão 11

Quadro n.º 11 - Respostas à Questão 11

Questão 11 - Consideras que há alguma semelhança entre o que vês na ficção e o que se passa na realidade? Podes explicar?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Haverá semelhanças mas penso que é tudo muito mais rápido e fácil nas séries. (...) as análises de ADN demoram dias e no CSI demoram duas horas e os resultados prontos. Acho que na realidade (...) os processos são muito mais morosos e é tudo mais difícil porque eles nas séries quando têm uma ideia acertam sempre na resolução dos casos.”
E2	“Em certos filmes acho que dá para fazer uma adaptação com o que se faz nos Estados Unidos, principalmente.”
E3	“Há algumas semelhanças embora a maior parte das coisas que se vê no CSI não são reais do dia-a-dia. Há pessoas que pensam que é tudo verdade mas têm alguma tecnologia que não existe.”
E4	“Tenho noção que a maior parte das coisas que existem nas séries não são reais e são só mesmo ficção, mas há-de haver coisas que realmente são semelhantes. Sei que a maior parte daquela tecnologia não existe cá em Portugal.”
E5	“Como eu tenho familiares sei que não é assim tão fácil, mas há técnicas q eles usam q se fazem e aplicam na realidade. A parte das autópsias sei que também se tem de fazer aquilo para ver onde e como a bala entrou (...) Sei que não é tão simples o facto de eles colocarem lá um papel na máquina e descobrir a pessoa.”
E6	“Não sei e não faço a mínima ideia. Nunca visitei salas nem laboratórios das polícias.”
E7	“Sim, penso que há alguma semelhança. (...) a PSP, com as investigações e com a recolha de impressões digitais e provas que fez, conseguiu chegar ao culpado.”
E8	“Penso que não há muita semelhança (...) Passa tudo muito pela ficção apenas e é um pouco exagerado. Não sei se existe mesmo aquele tipo de tecnologia em que eles conseguem saber e identificar na hora as pessoas através das impressões digitais.”
E9	“Na minha opinião as coisas são muito diferentes, pois se um policia agir em legitima defesa e ferir ou até mesmo matar o bandido acaba por ser considerado culpado.”
E10	“Semelhanças só na farda, diferenças há na eficácia e rapidez, ou seja, acho que a ficção não retrata bem o que aconteça hoje em dia.”

Com a elaboração desta questão, que surge no seguimento da anterior, pretendeu-se agora de uma forma mais direta, perceber se os jovens olham para as Forças de Segurança

e para o trabalho por elas efetuado e conseguem percecioná-lo já com alguma proximidade à realidade.

Da análise a esta décima primeira questão analisada neste Quadro 11, facilmente percebemos que a grande maioria dos jovens entrevistados tem noção que muitas das tecnologias, técnicas e processos seguidos e utilizados nas séries e filmes que visionam, são apenas pura ficção.

Alguns referem também a eficácia e rapidez com que são descobertas as identidades das pessoas pretendidas, como factor menos próximo à realidade. Isto porque têm noção de que esses processos de identificação de pessoas através de análises ao ADN, ao sangue e às impressões digitais, são muito mais morosos e complexos na realidade.

Nesta análise é então importante sublinhar o facto de que os jovens cada vez mais (referindo mesmo pontualmente técnicas e determinados métodos em específico), se apercebem e têm uma ideia muito clara e próxima do trabalho que é efetuado pelas Forças de Segurança (neste caso particular aplicado à Investigação Criminal), o que revela o crescente de interesse por parte destes, por este estudo e conhecimento mais aprofundado sobre estas temáticas.

6.2.12. Análise de Conteúdo à Questão 12

Quadro n.º 12 - Respostas à Questão 12

Questão 12 - Como vês hoje a Polícia em Portugal? Achas que é diferente do passado?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“A mim parece-me igual. (...) parece-me que não vejo diferenças.”
E2	“Acho que a polícia está muito mais sofisticada. Há uns anos tudo era diferente e evoluíram mais.”
E3	“Acho que está mais atualizada e tem mais meios. Conseguem acompanhar a atualidade e conseguem acompanhar a evolução da criminalidade, digamos assim. Está a conseguir tanto quanto possível acompanhar a sociedade.”
E4	“Acho que tem vindo a melhorar. Pelo que leio nas notícias, a criminalidade está a mudar e aumentar e as Forças de Segurança estão a evoluir também com elas. Tem vindo a melhorar mas penso que podem evoluir ainda mais.”
E5	“Acho que está diferente. Acho que não mostra aquela postura que tinha antigamente. O meu pai diz-me que antes, quando se via um Polícia e se circulava a 55km/h, reduziam logo para 40km/h se fosse preciso. Agora se for preciso ainda se acelera e ultrapassa. (...) Acho que havia mais respeito e penso que isso é por culpa da falta de confiança dos Polícias, porque se demonstrassem uma atitude mais rígida e firme as pessoas começavam a ver que não poderiam brincar tanto como estavam a brincar.”
E6	“Sobre isso não posso dizer grande coisa, pelo que se diz na televisão acho que tem estado mais presente nos problemas.”

E7	“Na atualidade, as Forças de Segurança estão mais evoluídas e cada vez estão a melhorar mais. (...) penso que estão a acompanhar a evolução e o avanço da sociedade. Isto pode ser bom e pode ser mau. (...) com a evolução e nova aquisição de armamento por parte das Forças de Segurança, pode fazer com que a sociedade também o faça e ocorra um aumento de armas ilegais.”
E8	“... não sei como era a polícia no passado.”
E9	“Acho que a policia em Portugal tem tido algum efeito, pois na zona onde moro tem diminuído o vandalismo desde que se faz rondas pela cidade.”
E10	“Não sei como era no passado.”

Com a análise a esta questão, pretendeu-se saber e perceber qual a perceção dos jovens em relação às Forças de Segurança nos dias de hoje, por comparação àquilo que se lembram ter visto ou ouvido falar no passado.

Verificamos através da análise ao Quadro 12, que uma pequena parte dos entrevistados (apenas dois), refere nada poder dizer visto não ter nenhum termo de comparação em relação ao que estas eram no passado.

Existe também uma opinião que não refere qualquer alteração em relação às Forças de Segurança que observava no passado e as que observa nos dias de hoje.

Uma parte dos jovens que tem opinião sobre esta questão refere que as Forças de Segurança encontram-se mais evoluídas e modernizadas. Estes referem que conseguiram acompanhar a evolução da sociedade adaptando-se às necessidades e dificuldades que foram surgindo derivado ao aumento da criminalidade.

Surgem também duas opiniões onde referem o facto das Forças de Segurança estarem mais próximas das populações e com patrulhamento mais correntemente em determinados locais, o que, pensam, fez com que a criminalidade e o “vandalismo” nessas zonas diminuíssem. Esta opinião vai então de encontro ao referido no subcapítulo 3.3 do capítulo 3, quando se refere quais os programas desenvolvidos pelas Forças de Segurança que visam essencialmente uma maior proximidade com o cidadão.

Um pouco afastada das opiniões que acima se analisaram, eis que surge uma resposta que nos refere que as Forças de Segurança hoje em dia demonstram uma atitude e postura menos respeitada e de pouca confiança no trabalho que executam. Este entrevistado refere este facto como sendo em parte proveniente da comparação da opinião de um familiar com a sua formulada no presente. Adianta ainda que na sua opinião as Forças de Segurança deveriam demonstrar mais certeza, confiança e segurança nas suas ações e intervenções para que possam ser respeitadas e vistas de uma forma mais positiva por parte dos cidadãos.

Da análise a esta questão podemos então retirar que os jovens entrevistados se revelam bastante críticos (ainda que por comparação de opiniões com familiares ou conhecidos) e atentos no que toca à percepção que têm do trabalho realizado pelas Forças de Segurança e a estas, em concreto, sublinhando mais uma vez a objetividade e proximidade que as suas ideias têm da realidade. Isto revela-nos que, tal como refere Lia Pappámikail (2011), os pais e os pares delimitam e influenciam os comportamentos dos jovens nesta fase de suas vidas, e como tal também fará com que sejam igualmente influenciadas as suas opiniões.

6.2.13. Análise de Conteúdo à Questão 13

Quadro n.º 13 - Respostas à Questão 13

Questão 13 - Consegues idealizar-te como membro integrante da PSP/GNR, a exercer funções na tua localidade de residência? Que responsabilidades pensas que um polícia deverá ter?	
Entrevistado	Ideias Importantes
E1	“Eu acho que iria ser engraçado e aliciante. (...) vocês devem sentir-se bem ao fim do dia sabendo que ajudaram as pessoas. Para mim um polícia deve exigir respeito mas deve respeitar muito, tem essa responsabilidade. Tem de conseguir conciliar o facto de ter uma determinada função que é muito importante, mas também tem de ver o ponto de vista das outras pessoas. (...) acima de tudo têm de ser muito humanos, muito solidários e têm de ter muita paciência.”
E2	“Não é algo que seja impossível mas é algo que não pondero muito. Mas se ingressa-se, gostaria de vir para cá para Cantanhede por viver cá e conhecer a região. A atuação deverá ser o mais fiel à lei possível, deverá ser imparcial e quando for solicitada ajuda tem de responder sempre e a qualquer hora do dia.”
E3	“Não me consigo ver aqui a trabalhar em Cantanhede. Conheço aqui muita gente por ser uma cidade pequena e quase toda a gente se conhece e haveriam pessoas que iriam gostar e outras que não iriam gostar do modo do meu trabalho. Via-me a trabalhar um pouco mais afastado aqui de Cantanhede. Deve acima de tudo ser imparcial e ter muito bom senso.”
E4	“Não me consigo imaginar por estar na minha zona, conhecer toda a gente e isso iria influenciar a minha actuação. (...) eu sendo GNR, pensariam que poderiam ser beneficiadas e eu não quero que isso venha a acontecer. Gostaria de trabalhar um pouco mais longe de casa onde não conhecesse as pessoas. (...) cumprir as suas funções o mais oportuna e correctamente possível.”
E5	“Sim. Mesmo sabendo que conheceria muita gente, teria de cumprir os meus deveres e fazer o que deveria ser feito na execução do meu trabalho. Têm de demonstrar segurança à sociedade porque quando as pessoas vêm a Polícia sentem-se mais seguras e protegidas.”
E6	“Não me conseguia ver aqui a trabalhar. Conheço muita gente cá e não me conseguiria ver a reprimi-los pelos actos deles. (...) junto de pessoas conhecidas iria ser muito difícil. (...) transmitir tranquilidade e segurança às pessoas, tentando manter tudo dentro da normalidade sem problemas nem preocupações.”
E7	“Na minha localidade não me vejo a trabalhar. (...) as pessoas pedem muitas vezes favores e não podem fazer o que as pessoas pedem, como é óbvio. Comigo aconteceria o mesmo e iria ser complicado gerir esse tipo de coisas. Deve ter a responsabilidade e o sentimento do dever cumprido, mantendo a ordem e segurança dos cidadãos.”

E8	Sim, conseguiria. (...) manter a ordem, prestar ajuda e mostrar a maior disponibilidade possível no desempenho das suas funções.”
E9	“Não me imagino a exercer esta profissão.”
E10	“Não (...) não me imagino como polícia.”

A décima terceira questão, como podemos perceber, engloba duas questões mais pequenas, e como tal iremos analisá-las separadamente com a elaboração deste Quadro 13.

Com a primeira parte da questão “Consegues idealizar-te como membro integrante da PSP/GNR, a exercer funções na tua localidade de residência?”, pretendeu-se saber se os jovens se conseguiriam idealizar a trabalhar como membro da Força de Segurança, na sua zona de residência.

Obteve-se assim, dois tipos de resposta.

Cerca de metade dos jovens refere que conseguiria projetar-se e ver-se a trabalhar na sua área de residência por ter a vantagem de conhecer a região e de conhecer grande parte dos residentes. Por outro lado, também admitem que poderia ser desvantajoso, pelo facto de conhecerem as pessoas mas adiantam também que apenas teriam de cumprir o seu dever e missão, e como tal, conseguiriam gerir essa eventual menos valia.

A outra metade dos jovens que refere não conseguir trabalhar como membro de uma Força de Segurança na sua área de residência, adianta como motivo principal o facto de conhecer grande parte da população o que faria com que a sua atuação e missão ficassem condicionadas e pudessem muitas vezes ser menos bem vistos por isso. Esta análise vai muito ao encontro do defendido por Barnes-Farrel & Matthews (2007) quando referem a vida social e familiar como importante factor motivacional perante o trabalho e o desenvolvimento das carreiras dos jovens.

Com a segunda parte da questão “Que responsabilidades pensas que um polícia deverá ter?”, pretendeu-se que os jovens dessem a sua opinião sobre as responsabilidades pelas quais um membro das Forças de Segurança terá de reger a sua atuação.

Com as respostas a esta parte da questão, facilmente percebermos que os jovens se revelam exigentes e críticos, enquanto cidadãos, sobre para o que servem as Forças de Segurança. Adiantam portanto uma série de características que nas suas opiniões, as Forças de Segurança têm de ter. O respeito, a imparcialidade, o bom senso e a disponibilidade para o serviço revelam-se as responsabilidades mais referidas, paralelamente com o dever de transmitir segurança e manter a ordem e tranquilidade na sociedade

Pretendeu-se então com esta questão tentar colocar os jovens, de certa forma, do lado das Forças de Segurança e projetarem-se no tempo idealizando como seria a sua atuação e postura sendo membro destas. O objetivo é fazer com que os jovens percecionem estas forças segundo uma perspectiva diferente, desta vez do interior destas instituições, para o exterior.

6.3. Considerações Finais do Capítulo

Com a elaboração deste capítulo pretendeu-se efetuar a análise e discussão dos resultados obtidos no trabalho de campo realizado neste trabalho de investigação. Este trabalho de campo visou a elaboração de entrevistas semidiretivas, que foram aplicadas a um conjunto de jovens estudantes do 12º ano da ESC.

Antes da elaboração deste capítulo, houve a elaboração de um enquadramento teórico, materializado nos capítulos 2, 3 e 4, que permite assim efetuar um encadeamento lógico das ideias existentes no estudo de caso examinado neste capítulo. Este enquadramento lógico terá portanto a sua finalização e conclusão no capítulo seguinte, que irá conter as conclusões obtidas com este trabalho de investigação.

Foram analisadas as entrevistas e podemos retirar algumas breves conclusões que se revelaram importantes e coincidentes com as hipóteses e questões colocadas no primeiro capítulo deste trabalho.

Verificou-se que os jovens entrevistados, na maior parte das questões que lhes foram colocadas, tem uma opinião muito crítica, realista e objetiva sobre os assuntos abordados. Verificou-se ainda que, quase sempre, os jovens que têm mais conhecimentos sobre as Forças de Segurança, são os jovens que pretendem ingressar nestas forças ou são jovens que têm familiares, amigos e/ou conhecidos ligados a estas forças.

CAPÍTULO 7

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

7.1. Introdução

O presente TIA visou o estudo e análise das percepções que os jovens têm em relação às Forças de Segurança, e para o efeito foi efetuada uma profunda e intensa análise documental e posteriormente foram elaboradas e aplicadas entrevistas semidiretivas a uma amostra destes jovens da ESC.

Esta sequência lógica em termos metodológicos foi seguida com o propósito de, nesta fase final da elaboração do trabalho, dar resposta aos objetivos, questões e hipóteses apresentadas e formuladas no início da elaboração deste.

Assim, neste capítulo pretende-se concluir este processo de pesquisa: fazendo uma verificação das hipóteses, dando cumprimento aos objetivos e resposta às perguntas de investigação, tendo sido estes formulados a partir da questão de partida deste trabalho. De seguida, avançamos com algumas reflexões finais, recomendações e sugestões, explanando as limitações verificadas na elaboração desta investigação e explorando indicações para a elaboração de investigações futuras.

7.2. Verificação das Hipóteses Formuladas

Relativamente à primeira hipótese **“Muitos jovens encaram hoje em dia como opção, o ingresso nas Forças de Segurança”**, revela-se que foi totalmente validada porque, de acordo com a análise às questões nº1 e nº2, verificou-se que grande parte dos jovens já ponderarou o ingresso nas Forças de Segurança e/ou continua a ponderar, ainda que possam não considerar esta profissão como a sua primeira opção de carreira.

Quanto à segunda hipótese **“Os jovens que pretendem concorrer às Forças de Segurança, preocupam-se um pouco mais com os assuntos relacionados com estas”**, verificou-se que foi igualmente validada com a análise à questão nº3. Isto porque

praticamente todos os jovens que afirmaram não querer concorrer ou ingressar nas Forças de Segurança, não têm nenhum conhecimento sobre os postos e hierarquias existentes nestas instituições, ao contrário dos que revelaram vontade em ingressar. Estes, por sua vez, revelam dominar alguns conceitos básicos e ter alguma noção bastante próxima da realidade em relação às classes e hierarquia

Em relação à terceira hipótese **“Os jovens não encaram com o devido respeito os membros das Forças de Segurança e o trabalho realizado por eles”**, verificou-se que foi refutada. De acordo com a análise às questões nº4 e nº6, foi possível constatar que para estes jovens, a farda de um membro de uma Força de Segurança é um símbolo de respeito e de responsabilidade. Na questão 6, a grande maioria refere ainda o respeito, que as Forças de Segurança representam e impõem aquando do cumprimento da sua missão, como sendo um dos fatores que mais gostam na imagem deles.

Considerando então a quarta hipótese **“Existe um conhecimento pouco realista por parte dos jovens, em relação às missões desempenhadas pelas Forças de Segurança”**, verificou-se que foi refutada depois de uma análise pormenorizada aos dados obtidos resultantes da grande parte das questões que foram colocadas a estes jovens. De acordo com as respostas dadas pela população em estudo, pode-se concluir que os jovens têm uma noção muito próxima da realidade em relação ao trabalho e às missões das Forças de Segurança. Na questão nº5, verificou-se que a maioria dos jovens considera o trabalho destas forças bastante rigoroso e de uma grande responsabilidade, visando sempre a segurança e estabelecimento da ordem, tal e qual como refere o entrevistado nº4 **“É um trabalho que acarreta grande responsabilidade e é através dessa função que há segurança.”**. Na questão nº 11, é também bastante visível este facto porque grande parte dos jovens refere **“Tenho noção que a maior parte das coisas que existem nas séries não são reais e são só mesmo ficção”**.

Tendo em conta a quinta e última hipótese **“Os jovens que tenham familiares membros destas instituições, terão uma perceção diferente dos jovens que não têm qualquer influência familiar”**, verificou-se que foi totalmente validada visto serem quase sempre os jovens que têm familiares ou conhecidos nas Forças de Segurança, os que têm perceções mais próximas da realidade vivida nesta profissão. O entrevistado nº5, como resposta a uma das questões, refere mesmo que **“Como eu tenho familiares sei que não é assim tão fácil”**, o que radica que serem influenciados por alguém perto deles, se revela positivo e contribui e muito para o seu conhecimento.

7.3. Cumprimento dos Objectivos

De forma a conseguir dar resposta às questões de investigação formuladas, foram delineados objetivos específicos os quais também se procuraram atingir ao longo de toda a elaboração deste TIA. O primeiro **“Analisar a importância da percepção que a sociedade tem da GNR”**, foi totalmente conseguido através da elaboração do subcapítulo 3.2 do capítulo 3, em que houve uma explicação da importância da transmissão de uma imagem positiva e proativa por parte das Forças de Segurança.

Relativamente ao segundo objetivo **“Mostrar o que é feito para haver uma maior aproximação das Forças de Segurança aos cidadãos”**, também se considera totalmente atingido visto no subcapítulo 3.3 se encontrarem explanadas as medidas tomadas pelas Forças de Segurança para que possam constantemente mais próximas do cidadão.

Quanto ao terceiro objetivo **“Definir com rigor o estágio de desenvolvimento em que se encontram os jovens que foram alvo do estudo”**, foi igualmente conseguido através da redação dos subcapítulos 4.2, 4.3 e 4.4, do capítulo 4, onde foi definida e explicada a fase da juventude e da adolescência, tendo em conta as transições e alterações importantes que ocorrem nessa importante fase da vida do ser humano.

O quarto objetivo **“Perceber as motivações que têm idealmente de existir no desenvolvimento de uma carreira”**, revelou-se clarificado no subcapítulo 4.5, do capítulo 4, e na análise à questão nº5 da entrevista. Esta verificação obteve-se então através de uma explicação mais aprofundada sobre a importância da carreira para o desenvolvimento individual e as motivações e vantagens que existem na sua construção. Através da análise das respostas dadas à questão nº5 foi possível constatar que os jovens já têm uma ideia muito próxima da realidade e consciente daquilo que esperam conseguir como membro de uma Força de Segurança.

O quinto objetivo **“Perceber se os jovens perspetivam esta carreira como futuro para eles”**, foi igualmente conseguido através da análise às questões nº1 e nº2 da entrevista, onde se ficou a perceber claramente que os jovens, nos dias de hoje, colocam como possibilidade de futuro, o ingresso nas Forças de Segurança.

Por último, relativamente ao sexto objetivo traçado **“Perceber como são percecionadas as Forças de Segurança no seu todo, pelos jovens”**, percebe-se que foi conseguido totalmente através da elaboração de quase a totalidade das perguntas da entrevista, visto terem sido formuladas sempre com o objetivo de obter as opiniões dos jovens sobre a percepção que têm das Forças de Segurança.

7.4. Resposta às Perguntas de Investigação

A partir da questão de partida surgiram então questões secundárias às quais é relevante obter resposta para se poder dar resposta à questão central deste TIA.

À primeira questão **“Têm os jovens uma perceção realista ou idealista sobre as Forças de Segurança?”**, obteve-se a resposta após a análise da questão nº4 à nº13, porque direta ou indiretamente era pedida uma opinião em cada uma delas. Verifica-se então que os jovens têm uma perceção muito realista sobre as Forças de Segurança e o trabalho desempenhado por elas porque conseguem já ter uma opinião muito crítica em relação ao trabalho desempenhado e aos membros que as compõem.

A segunda questão **“Percecionam os jovens as Forças de Segurança como profissão de poder e superioridade ou como profissão de respeito e apoio?”**, obteve-se a resposta através das respostas às questões nº 5 e nº13, nas quais a grande parte dos jovens refere que esta profissão exige muito respeito, responsabilidade e bom senso para que possa ser dessa forma transmitida segurança aos cidadãos.

A terceira questão **“Consideram os jovens a missão destas forças como um serviço público prestado ou apenas a entendem envolta em constante ação?”**, centrou-se essencialmente na análise às questões nº 8 e nº9. A grande maioria dos jovens vê e encara a missão das Forças de Segurança de uma forma muito realista e positiva visto que o contacto que tiveram com estas forças e as atuações que já presenciaram, terem contribuído positivamente para a formulação das suas opiniões sobre a missão e trabalho destas.

Na quarta e última questão, em que se pretende **Saber se a perceção dos jovens sofre influências de algum tipo**, verificou-se que, tendo em conta a fase transitória que os jovens atravessam (como foi analisado no capítulo 4) e as respostas dadas por estes na entrevista, as suas opiniões sofrem influências que têm origem: no contacto direto que têm com estas forças, no que percecionam quando vêm atuar as Forças de Segurança, no que lêem sobre elas e no que familiares ou conhecidos partilham com eles.

7.5. Reflexões Finais

Efetuada que está a análise às questões de investigação e a reflexão sobre os objetivos planeados para o presente trabalho, partindo estes da questão principal **“Qual a**

percepção que os jovens pré-universitários têm sobre as Forças de Segurança?”, pode-se assegurar que a percepção que os jovens por nós entrevistados têm sobre as Forças de Segurança, é bastante positiva, contextualizada e realista. Esta percepção toma forma tanto em relação às instituições em si como ao trabalho e missão por elas cumprido, segundo a perspectiva dos referidos jovens. A partir deste estudo, conseguiu-se perceber que estes jovens adolescentes afinal não estão desligados das temáticas relacionadas com as Forças de Segurança, mas pelo contrário, revelaram-se bastante conhecedores, interessados e colaborantes em relação a este tipo de assuntos.

Com a elaboração deste TIA, chegou-se à conclusão que tais jovens conseguem perceber as Forças de Segurança e os seus membros, demonstrando por eles uma atitude de respeito e dignidade, devido em grande parte ao que observam e ao contacto que têm com eles. Isto quer dizer que as suas percepções se revelarão mais positiva e valorativa, quanto mais correcta e digna for a atitude demonstrada pelos membros das Forças de Segurança na consecução da sua missão e a atitude demonstrada pelas próprias instituições seja pautada por uma crescente proximidade em relação ao cidadão.

7.6. Recomendações e Sugestões

Com a elaboração deste TIA facilmente se percebe que é muito importante a comunicação e contacto por parte das Forças de Segurança com o cidadão. Consequentemente, como sugestão, seria vantajoso e positivo que houvesse mais interação por parte das Forças de Segurança com esta faixa etária através de palestras, ações de sensibilização e demonstrações dadas nas escolas.

7.7. Limitações da Investigação

Uma das grandes limitações na elaboração deste TIA foi o facto de não ter sido proporcionado apoio e ter sido negado o acesso a várias Escolas Secundárias no distrito de Coimbra, ainda que contactadas atempadamente. Estas escolas estavam localizadas na área de responsabilidade da PSP, e como tal não foi possível fazer um estudo comparativo com as percepções de jovens que mais frequentemente estão em contacto com a PSP

Outra grande limitação em termos de redação do trabalho é referente às bases em termos metodológicos que são facultadas na Academia Militar ao longo do curso. Houve uma grande dificuldade na procura e aplicação de técnicas científicas metodológicas aquando da elaboração do presente TIA.

7.8. Investigações Futuras

Como proposta de investigações futuras no seguimento deste trabalho, propõe-se a elaboração de um estudo comparativo de perceções englobando também jovens que mais frequentemente estejam em contacto com as outras Forças de Segurança ou que frequentem uma escola que pertença à área adstrita à PSP.

BIBLIOGRAFIA

- Aboim, S. (2010). Cronologias da vida privada. In V. S. Ferreira, & J. M. Pais, (Coord.), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (pp. 107-147). Lisboa: ICS.
- Alves, A. C. (2011). *Contributos para uma Sociologia da Polícia*. Lisboa: Revista da Guarda.
- Alves, A. C. (2008). *Em busca de uma Sociologia da Polícia*. Lisboa: Revista da Guarda.
- Arthur, M. B. (fevereiro de 2008). Examining contemporary careers: a call for disciplinary inquiry. *Human Relations*, 61, pp. 163-186.
- Bardin, L. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barley, S. R. (1989). Career, identities and institutions: the legacy of the Chicago School of Sociology. In M. B. Arthur, D. T. Hall, & B. S. Lawrence, *Handbook of Career Theory* (pp. 41-65). Nova York: Cambridge University Press.
- Barnes-Farrel, J. L., & Matthews, R. A. (2007). Age and work attitudes. In G. A. Adams, & K. S. Shultz, (Coord.), *Aging and Work in the 21st Century* (pp. 139-162). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Inglaterra: Polity Press.
- Bem, D. J. (1972). *Self-perception theory*. New York: Academic Press.
- Brettel, C. B. (2002). Gendered lives. Transitions and turning points in personal, family and historical time. *Current Anthropology*, 43, pp. 45-61.
- Breviglieri, M. (2007). Ouvrir le monde en personne: Une anthropologie des adolescences. In M. Breviglieri, & V. Cicchelli, (Coord.), *Adolescences méditerranéennes. L'espace public à petits pas* (pp. 19-60). Paris: L'Harmattan.
- Calvo, H. G. (2011). A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil. In R. Bendit, V. S. Ferreira, & J. M. Pais, (Coord.), *Jovens e Rumos* (pp. 39-57). Lisboa: ICS.
- Calvo, H. G. (setembro de 2002). Emancipación tardía y estrategia familiar. *Revista de Estudios De Juventud*, pp. 9-18.
- Castro, A., & Gomes, M. (2009). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

- Ciccheli, V. (2001). Les jeunes adultes comme objet théorique. *Recherches et Prévisions* , pp. 5-18.
- Coleman, J. S., & Husén, T. (1989). *Inserción de los Jóvenes en Una Sociedad en Cambio*. Madrid: Narcea.
- Duarte, F., & Mesquita, R. (1996). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Plátano Editora.
- Duarte, H., & Lopes, D. (2010). Percursos de vida profissionais, satisfação e motivações perante o trabalho: integrando os modelos de desenvolvimento de carreiras com os modelos de ocupações profissionais. In V. S. Ferreira, & J. M. Pais, (Coord.), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (pp. 185-221). Lisboa: ICS.
- Eco, U. (1980). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. (13ª Edição) Lisboa: Editorial Presença.
- Erickson, E. H. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company.
- Feldman, R. S. (2001). *Compreender a Psicologia* (5ª edição ed.). Amadora: McGraw-Hill.
- Ferreira, V. S., & Nunes, C. (2010). Transições para a idade adulta. In V. S. Ferreira, & J. M. Pais, (Coord.), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (pp. 39-67). Lisboa: ICS.
- Finuras, P. (2011). *Gestão Intercultural: Pessoas e Carreiras na Era da Globalização* (3ª Edição ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Frederico, M. (2006). *Organizações, Trabalho e Carreira*. Loures: Lusociência.
- Gabriel, P. E. (september de 2003). An examination of occupational mobility among full-time workers. *Monthly Labor Review* , pp. 32-40.
- Giele, J. Z., & Elder, G. H. (1998). *Methods of Life Course Research. Qualitative and Quantitative Approaches*. Thousand Oaks: Sage.
- Gleitman, H. (1999). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guerra, I. C. (2010). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Cascais: Princípia.
- Hall, G. S. (1904). *Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion, and education*. Nova Iorque: D. Appleton & Co.
- Klein, H. (1990). Adolescence, Youth and Young Adulthood: Rethinking Current Conceptualizations of the Life Stage. *Youth & Society* , 446-471.

- Machado, J. P. (2003). *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marcelli, D. (2008). Quoi de nouveau dans les relations parents/adolescents? In D. Le Breton, (Coord.), *Cultures Adolescentes - Entre Turbulence et Construction de Soi* (pp. 12-22). Paris: Autrement.
- Mayer, K. U., & Settersten, R. A. (1997). The measurement of age, age structuring, and the life course. *Annual Review of Sociology*, 23, pp. 233-261.
- Pais, J. M. (2010). Cursos de Vida, padronizações e disritmias. In V. S. Ferreira, & J. M. Pais, (Coord.), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (pp. 19-35). Lisboa: ICS.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Âmbar.
- Pappámikail, L. (2011). A adolescência enquanto objeto sociológico: notas sobre um resgate. In R. Bendit, V. S. Ferreira, & J. M. Pais, (Coord.), *Jovens e Rumos* (pp. 81-99). Lisboa: ICS.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª Edição ed.). Lisboa: Gradiva.
- Riley, M. W. (1987). On the significance of age in sociology. *American Sociological Review*, 52, pp. 1-14.
- Rocha, H. M. (2010). *Adolescente e vínculo parental: (des)continuidade entre família e escola*. Aveiro: Universidade de Aveiro Departamento de Ciências da Educação.
- Sampaio, D. (2001). *Voltei à Escola*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Super, D. E. (1980). A life-span, life space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, pp. 282-298.
- Vaz, G. N. (2003). *Marketing institucional: o mercado de ideias e imagens*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Documentos e Sítios Institucionais

- Academia Militar. (2011). *NEP 520/DE, de 30 de junho (TIA - Normas Para a Redação do Relatório Científico Final)*. Lisboa: Academia Militar.
- Guarda Nacional Republicana (2011). *NEP/GNR – 3.58, de 06 de abril (Regulamentação dos Programas Especiais de Policiamento de Proximidade da GNR)*. Lisboa: Comando Geral.
- Guarda Nacional Republicana, (s.d.). *Policiamento de Proximidade e Segurança Comunitária*. Retirado: abril, 10, 2012, de http://gnr.pt/default.asp?do=241t4nzn5_r52rpv5/241t4nzn5.
- Manual de Comunicação e Atendimento da Guarda Nacional Republicana, Escola da Guarda.
- Vieira, A., Cruz, M., Rocha, J., Fernandez, E., Clemente, J., Leitão, J., Fernandes, J. (1999). *Policiamento de Proximidade – Técnicas de Proximidade*. Ministério da Administração Interna: Gáfica Peres.
- World Health Organization, (2011). *Young people: health risks and solutions*. Retirado: abril, 5, 2012, de <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs345/en/index.html>.

APÊNDICES

APÊNDICE A - GUIÃO DA ENTREVISTA

ACADEMIA MILITAR DIRECÇÃO DE ENSINO

Mestrado Integrado em Ciências Militares – Especialidade de Segurança (GNR)

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA



Entrevista para Dissertação de Mestrado

“Percepção dos jovens pré-universitários sobre as Forças de Segurança”

AUTOR: Aspirante Ligia Elena Domingues dos Santos

ORIENTADORA: Doutora Susana Durão

LISBOA, MAIO DE 2012

Âmbito

A presente entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada necessário para a conclusão do Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Segurança da Academia Militar, subordinado ao tema “Percepção dos jovens pré-universitários sobre as Forças de Segurança”.

Tem como propósito a recolha de dados para a elaboração do estudo final de curso, tendo como objectivo principal explorar temas sociológicos gerais sobre imagens e percepções das forças de segurança no seio dos alunos do ensino secundário.

Assim, este trabalho, tem como público alvo os jovens que frequentam o 12º ano de escolaridade visto encontrarem-se prestes a ingressar o ensino universitário ou eventualmente no mercado de trabalho e para perceber também se a carreira nas Forças de Segurança se coloca como uma possibilidade de futuro para estes.

Instruções

A entrevista é anónima, não contém nenhuma questão que o possa identificar e a informação por si fornecida será tratada de forma absolutamente confidencial.

A sinceridade das suas respostas é fulcral para que os resultados do estudo nos forneçam informação fundamental e verdadeira.

A duração da entrevista será aproximadamente 15 minutos.

Antes de se iniciar a entrevista, gostaria de saber se tem alguma pergunta a fazer acerca desta?

Coloca alguma objecção quanto ao facto de esta entrevista ser gravada e usada como base de sustentação no trabalho de investigação aplicada que me encontro a desenvolver?

Grata pela sua colaboração.

Atenciosamente,

Ligia Santos - Aspirante de Infantaria/GNR

ENTREVISTA

Escola:

Caracterização os entrevistados

- 1- Sexo:
- 2- Idade:
- 3- Naturalidade:
- 4- Nacionalidade:
- 5- Ano escolar que frequenta:
- 6- Já repetiu algum ano:
- 7- Profissão do pai:
- 8- Profissão da mãe:
- 9- Que profissão/área pensa seguir profissionalmente:
- 10- Tens familiares ou conhecidos que pertencem às Forças de Segurança? Em que Força de Segurança?

Questões:

- 1- Alguma vez ponderaste ser polícia? Se sim, em que Força de Segurança, na GNR ou na PSP?
- 2- As Forças de Segurança representam para ti uma carreira possível a seguir? Se sim, porquê?
- 3- Tens algum conhecimento sobre as categorias profissionais em termos de postos/classes/hierarquias das Forças de Segurança?
- 4- Vês-te a ti próprio a usar uma farda? Alguma vez pensaste nisso?

- 5- Vês-te a ter responsabilidades policiais? Como imaginas que será o trabalho realizado pela polícia? O que achas que farias se fosses polícia?
- 6- O que te atrai mais nas Forças de Segurança? O que gostas especialmente na imagem dos polícias, o que te fascina mais?
- 7- O que mais te repugna nas Forças de Segurança? O que não gostas na imagem dos polícias?
- 8- Já alguma vez tiveste algum contacto directo com as Forças de Segurança? Podes contar os episódios? O que concluis-te?
- 9- Alguma vez presenciaste alguma actuação policial? Se sim, qual e de que tipo? O que concluis-te dessa actuação?
- 10- Gostas de ver filmes ou séries policiais? Dá exemplos do que gostas? Do que mais gostas, em particular?
- 11- Consideras que há alguma semelhança entre o que vês na ficção e o que se passa na realidade? Podes explicar?
- 12- Como vês hoje a Polícia em Portugal? Achas que é diferente do passado?
- 13- Consegues idealizar-te como membro integrante da PSP/GNR, a exercer funções na tua localidade de residência? Que responsabilidades pensas que um polícia deverá ter?

Obrigada pelo teu tempo!

APÊNDICE B – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Quadro n.º 14 - Caracterização da Amostra

Entrevistado	Género	Idade	Natural.	Nac.	Ano	Já repetiu algum ano	Profissão do Pai	Profissão da Mãe	Profissão/Área trabalho no futuro	Familiar/Conhecido militar ou polícia
E1	F	18	Cantanhede	Portuguesa	12º	Não	Engenheiro Informático	Enfermeira	Ciências Farmacêuticas ou Economia	Não
E2	M	17	Figueira da Foz	Portuguesa	12º	Não	Técnico de Eletrónica	Funcionária de Supermercado	Engenharia Informática/ Informática	Sim, avô no Exército
E3	M	20	Cantanhede	Portuguesa	12º	Sim, 10º e 11º	Sargento Ajudante do Exército	Auxiliar Administrativa	GNR ou Exército	Sim, pai e tio na PSP
E4	M	18	Cadima	Portuguesa	12º	Sim, 11º	Carpinteiro	Costureira	Militar, no Exército ou GNR	Não
E5	M	18	Coimbra	Portuguesa	12º	Não	Professor e Arquiteto	Funcionária Pública	Arquitetura	Sim, tio e primo na PSP
E6	M	18	Coimbra	Portuguesa	12º	Sim, 5º	Desempregado	Cozinheiro	Design/Produtor/DJ	Sim, padrinho na PSP
E7	M	18	Coimbra	Portuguesa	12º	Sim, 10º	Auxiliar de Máquinas	Funcionária Pública	Desporto ou GNR	Sim, tio e primo na GNR
E8	M	18	Fornos	Portuguesa	12º	Sim, 7º	Camionista	Doméstica	Desporto ou GNR/PSP	Sim, primo na PSP
E9	F	17	Coimbra	Portuguesa	12º	Não	Desempregado	Doméstica	Área de Teatro	Não
E10	F	17	Covões	Portuguesa	12º	Não	Carpinteiro	Empregada Fabril	Psicologia	Não

ANEXOS

ANEXO A - POLICIAMENTO DE PROXIMIDADE

“O modelo de Policiamento de Proximidade assenta numa filosofia e estratégia organizacional que permita à Guarda Nacional Republicana trabalhar em conjunto com a comunidade, no intuito de através deste mútuo apoio se dar uma satisfação à resolução dos problemas da sociedade.

Existem duas estratégias principais: desenvolver e implementar novas formas de organização policial e novas técnicas de proximidade e visibilidade no relacionamento diário entre o guarda e o cidadão; e estabelecer programas específicos focados em problemas concretos e naqueles em que os grupos sociais são mais vulneráveis.

Neste modelo são estabelecidas parcerias para a resolução de problemas (chamadas parcerias e mediação, integradas nos diversos programas que constituem a Segurança Solidária).

A prevalência da dimensão preventiva na acção policial constitui um fator altamente dissuasivo dos comportamentos desviantes, investindo a Guarda na concretização de parcerias e de mediações com outros atores sociais, visando a redução dos níveis subjectivos e objectivos de insegurança local, bem como a eliminação dos focos geradores de atos ilícitos.

A aliança existente entre as autarquias, os serviços sociais, a Guarda, a comunidade em geral, é reconhecida como um mecanismo para combater as causas geradoras de comportamentos desviantes de natureza criminal, constituindo um exemplo do trabalho em equipa, o que vem permitir a obtenção de elevados ganhos de eficiência para todos os intervenientes, principalmente para aqueles que são flagelados por sentimentos de insegurança.” (GNR, s.d.)

Os objectivos do Policiamento de Proximidade são:

- “Contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, pelo que incumbe aos militares da Guarda atuar como agentes dinamizadores do civismo, da coesão social e da segurança, pessoal e coletiva;

- Territorializar as ações de prevenção criminal, de acordo com as expectativas de insegurança das populações;
- Aumentar o grau de integração, melhorar a comunicação e promoção da ligação com todos os atores sociais relevantes, para o aumento da qualidade de vida das populações, através da redução sustentada da criminalidade e do aumento do sentimento de segurança das populações;
- Fomentar a noção de serviço público, baseado na qualidade do serviço prestado, na satisfação dos destinatários, na transparência e numa cultura de compromisso, contrato e parceria com as comunidades e organizações, públicas e privadas;
- Incrementar dentro da Guarda uma filosofia de policiamento pró-ativo, desenvolvendo uma atitude positiva de prevenção e antecipação dos problemas;
- Aumentar a qualidade da acção policial.” (GNR, s.d.)

Policiamento de Proximidade vs Policiamento normal

“O Policiamento de Proximidade é um modelo que não é indissociável do normal modelo de policiamento, antes é um seu complemento. A atividade policial centra-se em torno do cidadão.

Sendo uma actuação essencialmente pró-activa, permite aumentar o sentimento de segurança do cidadão, devido à maior visibilidade e intensidade de patrulhamento. A população conhece melhor o guarda e este conhece melhor o cidadão.

A partilha biunívoca de informações permite combater a pequena criminalidade, ou seja, a que está ligada ao sentimento de insegurança.” (GNR, s.d.)